

A REENCARNAÇÃO

"NASCER, MORRER, RENASCER AINDA. PROGREDIR SEMPRE, TAL É A LEI."

ESPIRITISMO: CIÊNCIA, FILOSOFIA, RELIGIÃO.

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL

<http://www.fergs.org.br> decom@fergs.org.br

PERIODICIDADE: SEMESTRAL, Ano LXXX Nº 448 Preço R\$ 15,00

ISSN 2357-8092

Fundador: Oscar Breyer
Data de Fundação: 3 de outubro de 1934
Registro no CRC sob nº 211.185,
cadastro nº 458/p.209/73 do DCDP.



EXPEDIENTE

FEDERAÇÃO Espírita do Rio Grande do Sul

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AV. DESEMBARGADOR ANDRÉ DA ROCHA, 49

FONE/FAX: (51) 3224.1493 - PORTO ALEGRE/RS - CEP 90050-161 - BRASIL

DIRETOR DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL ESPÍRITA:

Guilherme Del Valle da Silva

COORDENADOR DO SETOR DE PUBLICAÇÕES:

João Alessandro Müller

REVISÃO:

Renato Deitos

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

João Paulo Lacerda (DRT/RS 4044)

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO:

Cláudia Regina Silveira Faria

CAPA:

Cláudia Regina Silveira Faria

IMAGENS: Arquivos FERGS e Internet

DIRETORIA EXECUTIVA FERGS 2014/2015

PRESIDÊNCIA

Maria Elisabeth da Silva Barbieri

VICE-PRESIDÊNCIAS

Doutrinária: Rosi Helena Possebon

Unificação: Lea Bos Duarte

Administrativa: Gabriel Nogueira Salum

ÁREAS

Atendimento Espiritual no Centro Espírita: Helena Bertoldo da Silva

Mediunidade: Dairson Azambuja Gonçalves

Família: Vilma Darde Ruiz

Infância e Juventude: Marlise Ribeiro

Comunicação Social Espírita: Guilherme Del Valle da Silva

Assistência e Promoção Social Espírita: Marlene Bertoldo da Silva

Pesquisa e Documentação: Ângela Bairros Oyarzábal

Estudo do Espiritismo: Cleusa Conceição Terres Schuch

Tecnologia da Informação: Fabian de Souza

Assessoria Jurídica: Marta Helena Vicente Goulart

1ª Secretaria: Ana Maria de Jesus Silveira

2ª Secretaria: Lucy Cirio da Silva

1ª Tesouraria: Rogério Luis Stello

2ª Tesouraria: Renato Haag



S U M Á R I O

Missão dos Espíritas
Evangelho, Unificação
e Sustentabilidade
*Maria Elisabeth Barbieri e
Gabriel Nogueira Salum*

4



Necessário e Dispensável
Mensagem

43



Tendência do Compartilhamento e o impacto nas
questões à luz da Doutrina
Espírita
Antônio A. C. do Nascimento

44



Água: fonte de saúde e vida
Marta Silva Neves

51



A cadeia do livro Espírita
Roosevelt A. Tiago

56



Espiritismo e Ecologia
Entrevista

65



Espiritismo, Conselhos
e Projetos Sociais
Lea Bos Duarte

70



Editorial

Vivei com os homens do vosso tempo, como devem viver os homens; sacrificai-vos às necessidades, e até mesmo às frivolidades de cada dia, mas fazei-o com um sentimento de pureza que as possa santificar. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap.17, item IV.

Destruir o materialismo é o objetivo do Espiritismo. Por esta razão precisamos viver imersos no contexto materialista com o qual devemos empreender a luta para transformar seus princípios e fazê-lo ceder terreno ao Reino, que é do Espírito Imortal.

Uma das facetas do materialismo, que está mais arraigada na sociedade humana, é o consumismo, uma patologia social decorrente da ausência do bom senso em definir o limite entre o necessário e o supérfluo.

Nas questões de n. 711 a 717 de *O Livro dos Espíritos* temos uma bússola segura para tratarmos com estas questões, evitando as tentações ao abuso, ao excesso, estabelecendo a correlação entre as nossas vontades e as necessidades para o cumprimento da nossa missão existencial.

A avaliação equivocada ou a ausência de crivo em relação a este aspecto nos lança, sem que muitas vezes percebamos, na condição de “espíritas materialistas”, discursan-

do sobre princípios espíritas, e agimos como se eles não existissem.

O Materialismo tem, inevitavelmente, a mesma destinação da matéria a transformação, a finitude.

Se alinharmos as nossas ações visando apenas o aspecto material das nossas instituições espíritas, estaremos lavrando a sentença do seu fim. Disse-nos o Druida da Lorena, Leon Denis, “o Espiritismo será o que os homens o fizerem”.

Pensemos nisso. Que roupagem estamos dando à verdade que nos foi entregue?

Estamos entregando esse modesto trabalho de pesquisa, realizado por alguns trabalhadores esforçados, a fim de que o Movimento Espírita reflita sobre os passos dados neste momento de transição e de superlativos desafios, para que as nossas decisões e ações não promovam edificações sem sustentabilidade.

Os espíritas sinceros devem estar juntos, unidos em torno do ideal de espiritualizar a matéria, a fim de concluírem a obra de transformação da Terra em mundo regenerador. Conhecemos uma proposta nova de pensar, agir e sentir, que é o Espiritismo. Invistamos nela para nos subtrairmos à sedução provocada pela avalanche materialista.

Lembremos, sempre, da orientação do Espírito de Verdade: “Espíritas; amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo”.



Missão dos Espíritas - Evangelho, Unificação e Sustentabilidade.

A MISSÃO DOS ESPÍRITAS



Não percebeis desde já a formação da tempestade que deve assolar o Velho Mundo, e reduzir a nada a soma das iniquidades terrenas?

(...) Ides pregar o dogma novo da reencarnação e da elevação dos Espíritos, segundo o bom ou mau desempenho de suas missões e a maneira porque suportaram as suas provas terrenas.

É chegada a hora em que devem sacrificar os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas futilidades, à sua propagação. Ide e pregai: os Espíritos elevados estão convosco.

É necessário regar com o vosso suor o terreno em que deveis semear, porque ele não frutificará, não produzirá, senão sob os esforços incessantes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai!

Parti em cruzada contra a injustiça e a iniquidade.

Ide e pregai, que as populações atentas receberão com alegria as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

O pastor saberá defender as suas ovelhas contra os carrascos imoladores.

MARIA ELISABETH DA SILVA BARBIERI

Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul

GABRIEL NOGUEIRA SALUM

Vice-presidente Administrativo da Federação Espírita do Rio Grande do Sul

O texto ditado pelo Espírito Erasto aponta os desafios desta era em que devemos afirmar a nossa convicção, transformando-a em atos de virtude para a mudança do mundo íntimo e, via de consequência, do mundo exterior.

A Missão dos Espíritas, definida no texto evangélico, requer para a sua consecução a preservação da base filosófica da Doutrina Espírita, estruturada nos princípios da existência de Deus, imortalidade da alma, pluralidade das existências, pluralidade dos mundos habitados e da comunicabilidade dos Espíritos.

Todos esses pilares da filosofia espírita apontam para uma realidade de harmonia e perenidade nas relações entre os seres. Percebemos que somos interdependentes e todas as nossas ações se refletem na trajetória dos nossos semelhantes e das instituições terrenas e espirituais.

A compreensão dos princípios espíritas acarreta a mudança do ponto de vista e influencia na forma como agimos e nas motivações que acalentamos.

A condição de seres imortais, transitando em variadas dimensões, ensejará um olhar que ultrapasse o tempo presente para abranger também o futuro que ora estamos a construir.

O Movimento Espírita é esta instituição que conjuga as atividades tendentes a assegurar um caráter sustentável à divulgação do Espiritismo, proporcionando celeridade à realização do objetivo traçado que lhe foi assinado, que é o de tornar crença geral, marcando nova era na história da

humanidade. Todos os órgãos propagadores dessa ideia, tais como os centros espíritas, as federativas e as instituições especializadas convergem para esse propósito.

A Federação Espírita Brasileira, por decisão do seu Conselho Federativo Nacional, desde 2007 estabelece diretrizes de ação quinquenal para nortear as ações doutrinárias e de unificação, promovendo assim o alinhamento de esforços para a divulgação e difusão do Consolador Prometido por Jesus na Pátria do Evangelho.

Da mesma forma as federativas estaduais também alinham suas estratégias para o cumprimento dessas diretrizes:

1 – A DIFUSÃO DA DOUTRINA ESPÍRITA.

2 – A PRESERVAÇÃO DA UNIDADE DE PRINCÍPIOS DA DOUTRINA ESPÍRITA.

3 – A COMUNICAÇÃO SOCIAL ESPÍRITA.

4 – A ADEQUAÇÃO DOS CENTROS ESPÍRITAS PARA O ATENDIMENTO DE SUAS FINALIDADES.

5 – A MULTIPLICAÇÃO DOS CENTROS ESPÍRITAS.

6 – A UNIÃO DOS ESPÍRITAS E A UNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA.

7 – A CAPACITAÇÃO DO TRABALHADOR ESPÍRITA.

8 – A PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE.

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul para o cumprimento do Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro 2013/2017 delineou o seu caminho e afirmou a sua razão de ser → Missão; fixou seus objetivos e estabeleceu onde dese-

ja chegar → Visão; estabeleceu os princípios que norteiam a sua atuação e balizam as atitudes que devem estar presentes nas ações dos seus colaboradores → Valores.

VISÃO: “Promover, apoiar e fortalecer o Movimento Espírita do Rio Grande do Sul na busca da eficácia e da melhoria da qualidade na tarefa de difusão do Espiritismo, ensejando oportunidade de aprendizado, desenvolvimento intelectual e educação dos sentimentos do homem, através do estudo e prática da Doutrina Espírita.”

MISSÃO: “Orientar a unificação e integração dos centros espíritas do Rio Grande do Sul, pautadas nos valores éticos, sociais, educacionais e humanos, alinhados com a moral do Cristo, aclaradas pelos princípios fundamentais da Doutrina Espírita.”

VALORES: Trabalho, Solidariedade, Tolerância, Liberdade, Respeito às Diferenças, Amor, Fraternidade, União, Simplicidade.

Essa estrutura de trabalho visa desenvolver o sentimento de equipe e a cultura institucional de que nossas ações não devem apenas atender o momento presente e a resolução de problemas imediatos, mas igualmente aplinar os caminhos dos que virão após.

Passemos então a analisar alguns pilares de sustentabilidade para o centro espírita e para o movimento espírita.

SUSTENTABILIDADE

“**Sustentabilidade** é uma característica ou condição de um processo ou de um sistema que permite a sua permanência, em certo nível, por um determinado prazo”.

Ultimamente este conceito tornou-se um princípio, segundo o qual a prática de ações e utilização de recursos para a satisfação de necessidades presentes não pode comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras.

Pensemos na forma como temos agido no Movimento Espírita e nas células que o compõem. Cuidamos bem do presente? Estamos deixando

recursos e viabilizando assim as ações futuras de divulgação e difusão da Doutrina Espírita? Como nos encontramos no cumprimento da Missão dos Espíritas, aludida por Erasto em o Evangelho Segundo o Espiritismo?

Primeiramente, busquemos um perfil dos espíritas no Brasil. Quem são os espíritas, no Brasil?

Da análise deste perfil, demonstrado pelo censo IBGE 2010, verificamos que nas fileiras do Espiritismo há um grande contingente de pessoas cultas e muitos adeptos em condições econômicas e financeiras muito boas.

ESPÍRITAS NO BRASIL - CENSO IBGE 2010

31,5% têm nível superior

15% têm ensino fundamental incompleto

1,8% não têm instrução

1,4% não são alfabetizados

Os espíritas têm a maior proporção de pessoas com nível superior (31,5%) e os menores índices de brasileiros sem instrução (1,8%) e com ensino fundamental incompleto (15%). Apenas 1,4% das pessoas que se declararam adeptas desse grupo religioso não são alfabetizadas.

19,7% dos espíritas se declararam no grupo das pessoas com rendimento acima de cinco salários mínimos.

Na visão espírita a riqueza e a inteligência são talentos que devem ser usados para o bem comum. Se renascemos dotados destes dons ou tivemos, ao longo da vida, a condição de merecê-los, porque eles hoje estão sob a nossa administração? Qual a utilidade providencial destas riquezas? Ensina o Espírito M. em comunicação recebida em Bruxelas, em 1861, e que está inserida em o Evangelho Segundo o Espiritismo que: *Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui a seu grado, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens.*

Esta condição favorável dos adeptos do Espiritismo é um indicativo da urgência no cumprimento da missão que lhes cabe, devendo lançar-se ao trabalho incessante para atingirem o intento.

Os Espíritos que trouxeram as luzes da codificação ao mundo apostaram que a marcha do Espiritismo seria mais célere do que a do Cristianismo, porém alertaram para as ideias materialistas arraigadas, a negligência em relação aos valores espirituais e o apego às coisas materiais, o que demandaria alguns séculos para a transformação deste panorama.

O CRONOGRAMA DE JESUS

E se quisermos verificar o cumprimento do cronograma, estabelecido pela espiritualidade e assim avaliarmos o nosso desempenho como es-



píritas, no atendimento das questões atuais e na preparação de nossas células para o futuro, vejamos:

“[...] durante duas ou três gerações, ainda haverá um fermento de incredulidade, que unicamente o tempo aniquilará”. O Livro dos Espíritos, questão 798.

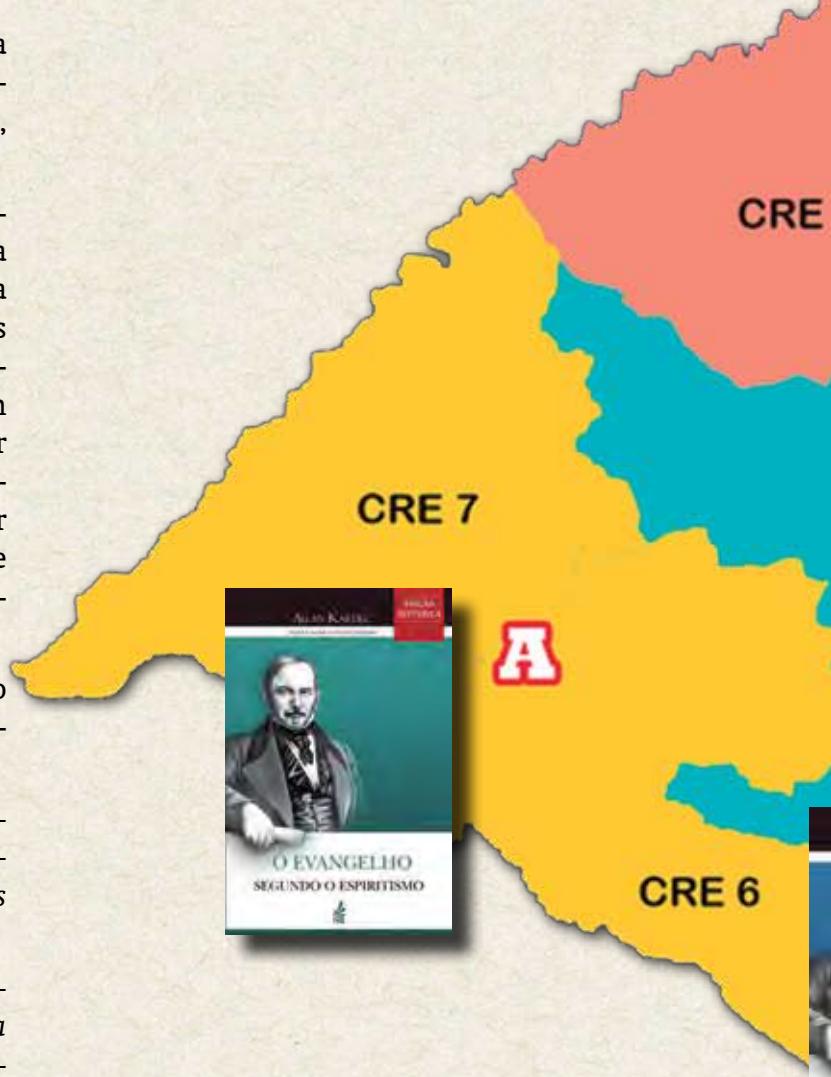
Se uma geração, mesmo com a expectativa de vida inferior a 70 anos, à época, este era o período considerado como o tempo de uma geração. Logo o tempo de duas ou três gerações medeia entre 140 e 210 anos. O Livro dos Espíritos foi editado em 1857 e deu inicio a era em que o fermento da incredulidade começou a ser aniquilado, dando surgimento a uma era de crença. Assim, a Missão dos Espíritas que é a de fazer dessa Doutrina a crença comum da humanidade dar-se-á, cronologicamente, de 1997 a 2067, aproximadamente.

No Livro Plantão de Respostas, Pinga Fogo II, quando interpelado sobre as Condições do Planeta, Chico Xavier responde que:

Pergunta: *O que a Doutrina Espírita pode dizer a respeito do fim dos tempos, isto é, como ocorrerá a transformação do planeta em planeta de provas e expiações para o de regeneração?*

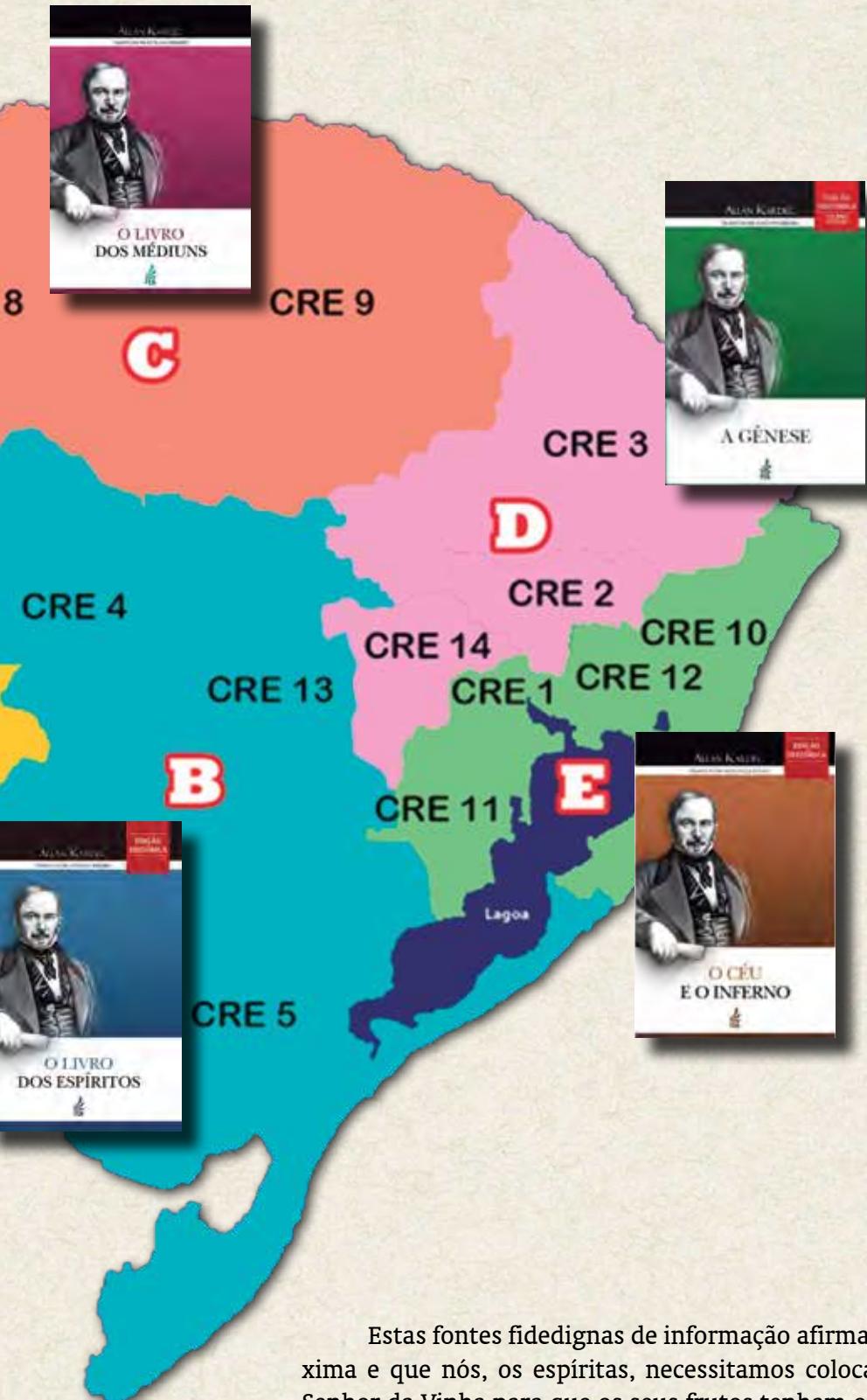
Resposta: *Através da busca da espiritualização, superação das dores e construção de uma nova sociedade, a humanidade caminha para a regeneração das consciências. Emmanuel afirma que a Terra será um mundo regenerado por volta de 2057. Cabe, a cada um, longa e árdua tarefa de ascensão. Trabalho e amor ao próximo com Jesus, este é o caminho.* (grifos nossos)

Na obra Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, Ismael, o Gerente dos Patrimônios Espirituais da Pátria do Evangelho, diz: *Irmãos — expôs ele —, o século atual, como sabeis, vai ser assinalado pelo advento do Consolador à face da Terra. Nestes cem anos se efetuarão os grandes movimentos preparatórios dos outros cem anos que hão de vir. As rajadas de morticínio e de dor avassalarão a alma da humanidade, no século próximo, dentro dos imperativos das transições necessárias, que serão o sinal do fim da civilização precária do Ocidente.*



INTERREGIÕES
fcrjgs

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL

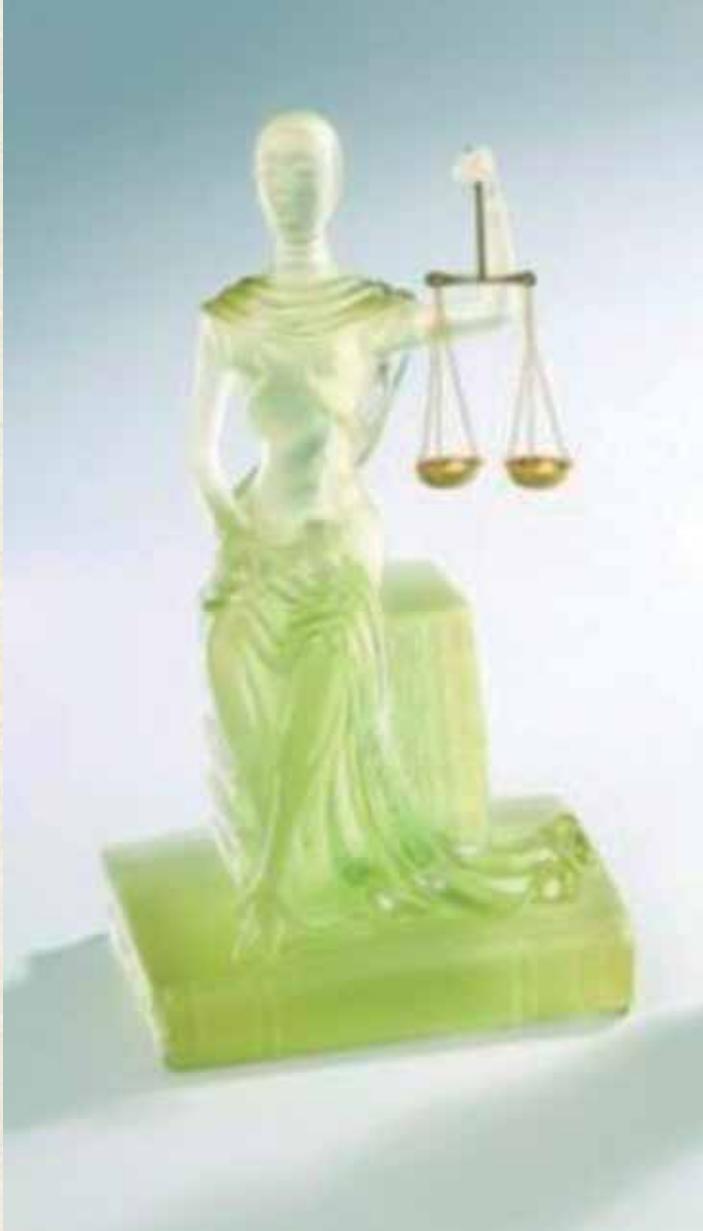


Estas fontes fidedignas de informação afirmam que a era de regeneração se aproxima e que nós, os espíritas, necessitamos colocar os talentos recebidos a soldo do Senhor da Vinha para que os seus frutos tenham o sinal do nosso labor.

PILARES DE SUSTENTABILIDADE

Nessa esteira de abordagem e compreensão, elencamos alguns pilares de sustentabilidade que devemos observar na condução das nossas atividades no centro espírita e nos órgãos de unificação.

Sustentabilidade ética ou moral:



No campo da filosofia **ética e moral** possuem diferentes significados. A ética está associada ao estudo fundamentado dos valores morais que orientam o comportamento humano em sociedade, enquanto a moral são os costumes, regras, tabus e convenções estabelecidas em cada sociedade.

Na etimologia também há diferença, porquanto ambos os termos tem origens distintas: A palavra “ética” vem do grego “ethos” que significa “modo de ser” ou “caráter”. Já a palavra “moral” tem origem no termo latino “morales” que significa “relativo aos costumes”.

Ética é um conjunto de conhecimentos extraídos da investigação do comportamento humano ao tentar explicar as regras morais de forma racional, fundamentada, científica e teórica. É uma reflexão sobre a moral.

Moral é o conjunto de regras aplicadas no cotidiano e usadas de forma contínua pelas pessoas. Essas regras se destinam à orientação individual, norteando as ações e os julgamentos de cada um sobre o que é moral ou imoral, certo ou errado, bom ou mau.

Já, o termo latino *moralis* foi usado por Cíceiro como um equivalente do grego *ethicos* e é por este motivo que em muitos contextos *moral/ético*, *moralidade/ética*, *filosofia moral/ética* são pares de sinônimos. Mas o uso é diversificado e o par é também usado para marcar várias distinções. Por exemplo, alguns autores usam “moral” em relação à conduta e “ética” em relação ao caráter. Thomas Mautner - Dicionário de Filosofia, dir. de Thomas Mautner (Lisboa: Edições 70, 2010).

No sentido prático, ambas são responsáveis por construir as bases que vão guiar a conduta do homem, determinando o seu caráter, atitudes e virtudes, e por ensinar a melhor forma de agir e de se comportar em sociedade.

O Espiritismo trata a questão do ponto de vista do ser imortal.

Quando Kardec pergunta aos Benfeiteiros do Mundo, que definição se pode dar da moral? Eles respondem “A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal.”

Porém, esta distinção sempre foi motivo de interpretações feitas por meio de paradigmas diferentes, afetados pelas condições geográficas, culturais, temporais, sociais, enfim. Tanto a aplicação prática imediata de regras como a reflexão filosófica sobre elas ensejaram ao longo do tempo conclusões de toda a ordem. Costumamos ouvir, amiúde, que aquilo que era moral no século XIX, por exemplo, não o é no século presente; aquilo que é moral no oriente não o é no ocidente, e assim por diante.

Se a resposta dada pelos Espíritos se resumisse ao primeiro parágrafo da questão acima transcrita, também a Doutrina dos Espíritos não equacionaria a questão. Mas, na sequência da resposta, nós encontramos os elementos para dirimir toda e qualquer dúvida e obstar a contradição. Dizem eles: “Fundase na observância da Lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.”

Quais os caracteres da Lei de Deus?

- É a lei natural;
- É única;
- Indica o que o homem deve ou não fazer para ser feliz;
- É eterna e imutável como o Criador.

Esta é a base da moral evangélica, aclarada pelo Espiritismo. Então a sustentabilidade ética tem como pressuposto o cumprimento da lei que rege a harmonia do Universo. Todas as quedas e desaparecimento de instituições e civilizações, ocorridas na trajetória da Humanidade, se devem ao descumprimento da lei divina pelo homem. Sociedades distanciadas da moral não são sustentáveis

Emmanuel, na obra do mesmo nome, leciona que *as sociedades edificadas na pilhagem hão de purificar-se, inaugurando o seu novo regime à base da lição fraterna de Jesus.*

[...]Dentro de alguns séculos, os colossos de Paris, de Roma e de Londres serão contemplados com o embevecimento histórico das recordações; a torre Eiffel, a Abadia de Westminster serão como as ruínas do Coliseu de Vespasiano e das construções antigas do Spalato. Os ventos tristes da noite hão de soluçar sobre os destroços, onde os homens se encontraram para se destruírem, uns aos outros, em vez de se amarem como irmão.

Destas afirmativas podemos inferir do destino das edificações humanas quando os homens que as constituem se afastam da lei divina.

Tanto o Movimento Espírita quanto o Centro Espírita são instituições mantidas pelos homens, que se agregam para a divulgação da mensagem do Paraclete à humanidade. Um, é o corpo, ou outro a célula. A vitalidade e a perenidade do conjunto dependem da moralidade de seu proceder.

O BEM PROCEDER: consiste, pois, no esforço para viver os ensinamentos de Jesus, amando a Deus, a si mesmo e o próximo.

O TUDO FAZER PELO BEM DE TODOS: Esta é a máxima que, por excelência, garante a sustentabilidade ética no Movimento Espírita. Estamos carentes dessa compreensão, porquanto se analisarmos as nossas ações, observaremos que elas, muitas vezes, revelarão **que tudo fazemos pelo nosso bem, pelo bem do nosso centro espírita**, mas ainda estamos distantes da proposta da moral evangélica que considera o bem de todos.

Passemos à análise de casos concretos, exemplificativos, para compreendermos e refletirmos com maior profundidade sobre esta questão.

A FIDELIDADE AOS COMPROMISSOS ASSUMIDOS:

Quando assumimos cargos nos órgãos de unificação ou nos setores, departamentos ou diretorias dos centros espíritas estamos nos responsabilizando pelo trabalho que atinge dezenas, centenas e às vezes milhares de criaturas. Isso vale dizer que recebemos a oportunidade de **fazer tudo pelo bem de todos**.

Por vezes, no curso da tarefa, ocorre a desistência do voluntário para atender interesses pessoais nobres ou não, o afastamento por ressentimentos, mágoas ou discordâncias, por comodismo. Quem assim procede, deixa de fazer tudo pelo bem de todos para **fazer tudo pelo seu próprio bem ou pelo bem de alguns, apenas**.

Outra situação: Quando permanecemos no cargo, mas não cumprimos a tarefa a contento, por desídia, indiferença, preguiça, desorganização. Agindo assim, incorre-se no mesmo processo acima descrito.



O comprometimento é um vínculo com o trabalho e quando se fragiliza causa danos em toda a extensão onde deveria produzir frutos, gerar progresso e bem-estar.

Comprometimento é uma relação forte entre um indivíduo identificado e envolvido com uma organização, e pode ser caracterizado por três fatores: a disposição em exercer um esforço considerável em benefício da organização; a crença e a aceitação dos valores e objetivos da organização e um forte desejo de se manter como membro da organização. (MEDEIROS, 1997, p.24).

No centro espírita os efeitos ocasionados pela ruptura do comprometimento na desistência de um diretor, por exemplo, são tarefas não realizadas, pessoas sem atendimento, desestímulo na equipe, projetos abandonados, brechas espirituais para as influências infelizes dos adversários da causa e dos colaboradores da instituição, além, é claro, da sobrecarga de trabalho gerada para os que permanecem no trabalho.

Na segunda situação, quando o colaborador fica no cargo, mas não faz ou realiza mal a tarefa. Exemplifiquemos com a atuação deficiente de um dirigente de órgão de unificação (em nosso estado, o Rio Grande do Sul, um presidente de União Municipal ou de Conselho Regional). Se esta liderança não repassar as informações, as diretrizes fede-

rativas nas reuniões com os dirigentes dos centros espíritas ou se disseminar os fatos pela sua ótica particular, ao invés de compartilhar a visão do Movimento Espírita, o resultado será o afastamento das instituições da proposta unificadora, a adoção de práticas estranhas na divulgação do Espiritismo, conflitos, comunicação inexistente ou deficitária dos centros com os demais órgãos de unificação, e se isso persistir, o isolamento advirá e em decorrência o adoecimento das células e o comprometimento do corpo,

Percebemos então a necessidade de **fazermos tudo pelo bem de todos?**

É, pois, fator de sustentabilidade ética para a nossa comunidade, aprendermos a cumprir realmente os deveres assumidos.

Lembrando que: “Os efeitos disso são Sociedades divididas, outras se descaracterizam e permanecem somente com o nome de “espírita”, gerando cizânia entre seus membros. O adepto sincero é fiel à Doutrina. Por isso, Kardec recomenda que para formar um grupo em boas condições é necessário buscar adeptos que levem a sério o Espiritismo, pois a unidade de princípios é um ponto essencial.” Jerri Almeida – Convivência na Casa Espírita – Os adeptos sinceros

A TRIBUNA ESPÍRITA

Não precisamos nos alongar no assunto, bastam algumas considerações já conhecidas.

Oferecer a tribuna doutrinária apenas a pessoas conhecidas dos irmãos dirigentes da Casa, para não acumpliciar-se, inadvertidamente, com pregações de princípios estranhos aos postulados espíritas.

Quem se ilumina, recebe a responsabilidade de preservar a luz.

Cada pregação deve harmonizar-se com o entendimento do auditório. Respeitando pessoas e instituições nos comentários e nas referências, nunca estabelecer paralelos ou confrontos suscetíveis de humilhar ou ferir.

Verbo sem disciplina gera males sem conta.

Conduta Espírita – André Luiz



Quando alguém ocupa a tribuna de um centro espírita para desferir ataques às instituições, para buscar reconhecimento ou erguer bandeiras pessoais, denuncia o séquito que o acompanha e a soldo de quem está.

Manoel Philomeno de Miranda em *O Amanhecer de uma nova Era*, diz que *vivemos na Terra um grande paradoxo: à medida que os profanos fascinam-se pela doutrina iluminativa, não poucos trabalhadores do Evangelho restaurado resvalam para os comportamentos infelizes, demonstrando a própria fragilidade moral e a não real absorção dos sublimes ensinamentos do Senhor.*

As defecções sucedem de contínuo e as quedas pessoais alarmam os neófitos que estão se aproximando com expectativas inumeráveis, aguardando

apoio e orientação especialmente através do vigor do exemplo pessoal.

A tarefa da exposição doutrinária é, não raro, o último bastião onde se entrincheiram os desertores. As tarefas do dia a dia no centro espírita eles não suportam muito tempo, porque estas requerem a abnegação, o devotamento, a disciplina, a humildade, então se retiram do trabalho assistencial, das tarefas do estudo, das atividades do passe, das lides de unificação, mas na tribuna resistem, porque é uma vitrine que favorece os seus planos personalistas. Falam, mas não fazem.

Atentemos, pois, a quem entregamos a tribuna das nossas instituições para não comprometermos a sua sustentabilidade ética e moral.

EDITORAS E DISTRIBUIDORAS ALHEIAS AO MOVIMENTO ESPÍRITA

Outra questão relevante para tudo fazer para o bem de todos.

Leiamos a instrução do Codificador: *A condição absoluta de vitalidade para toda reunião ou associação, qualquer que seja o seu objetivo, é a homogeneidade, isto é, a unidade de vistos, de princípios e de sentimentos, a tendência para um mesmo fim determinado, numa palavra: a comunhão de ideias. Todas as vezes que alguns homens se congregam em nome de uma idéia vaga jamais chegam a entender-se, porque cada um apreende essa idéia de maneira diferente. Toda reunião formada de elementos heterogêneos traz em si os germens da sua dissolução, porque se compõe de interesses divergentes, materiais, ou de amor-próprio, tendentes a fins diversos que se entrechocam e rarissimamente se mostram dispostos a fazer concessões ao interesse comum, ou mesmo à razão; que suportam a opinião da maioria, se outra coisa não lhes é possível, mas que nunca se aliam francamente.*

Permitam-me relatar um fato que foi compartilhado por um confrade de outro estado do Brasil.

A federativa estadual daquele estado lutava com sérias dificuldades financeiras (fato comum na nossa realidade do Movimento Espírita, com raras exceções) A renda para manter o trabalho de Unificação era, como soe acontecer, oriunda da operação comercial da distribuição de obras espíritas aos centros filiados àquela instituição. No entanto o comprometimento entre os centros espíritas, que são a federativa, revelava-se frágil pela falta de disposição dos seus dirigentes e trabalhadores em fortalecerem aquele órgão de unificação, bem como, pelos desconhecimentos dos valores e dos objetivos do movimento espírita e, também, pelo personalismo reinante.

Isso permitiu que a superficialidade e o caráter dos “espíritas materialistas” que entendem a atividade livreira como uma atividade comercial apenas, sem se darem conta de que é uma atividade meio de divulgação dos postulados espíritas, em que os recursos dela advindos são para alimentar a atividade fim, que depende da união dos espíritas e unificação para atingir o seu fim, abrisse campo para a proliferação de obras de caráter duvidoso, com afirmações contrárias aos princípios doutrinários e o mais grave, comercializados por uma grande distribuidora descompromissada com a instituição Movimento Espírita e com os valores que a norteiam. Mas, um dos maiores centros espíritas daquele estado fidelizou-se àquela distribuidora e a outras editoras do mesmo naipe, desta forma **fazendo todo o bem para si mesmo**, recebeu muitos brindes e descontos e o título de ser o maior cliente dos ditos vendedores.

Isso oportunizou a visita do referido distribuidor e editor à instituição, com toda a sua comitiva, integrada por várias pessoas. Quando retornaram, apresentaram a conta dos gastos feitos às expensas da casa espírita, com passeios, jantares, consumo de bebidas alcoólicas, hospedagens e passagens para toda a comitiva, inclusive por lugares turísticos do estado. Desta feita, disse-me o interlocutor, ficou claro a quem o centro espírita beneficiava com a sua atividade livreira.

Assim, acontece em muitas células, onde a visão míope, causada pela ignorância da verdadeira função do centro e do movimento espírita está empenhada apenas em suprir necessidades atuais, comprometendo o futuro da nossa organização.

É lamentável que até mesmo alguns segmentos que deviam balizar e equilibrar estas

questões, pela expressividade de seus catálogos e alcance de comercialização que detêm estão a engrossar as fileiras predatórias das grandes distribuidoras em detrimento do esforço hercúleo, desenvolvido nas federativas para o cumprimento da missão dos espíritas.

A questão da publicação e da comercialização de obras no Movimento Espírita tem uma finalidade que foi assinalada pelo Codificador ao escrever o Projeto 1868 como se pode ver: "A comissão terá por um de seus primeiros cuidados ocupar-se com as publicações, desde que seja possível, sem esperar que o possa fazer com o auxílio das rendas. Os fundos a isso destinados não serão, em realidade, mais que um adiantamento, pois que voltarão à caixa, em virtude da venda das obras, cujo produto reverterá ao capital comum. É um negócio de administração." (Não é pois mera atividade comercial)

Os que militam há longo tempo no Movimento Espírita dirão que este assunto é recorrente. É verdade. Alguns alinharão muitos motivos para justificarem a postura dos que agem da forma acima explicitada.

Então quero dividir com os leitores este texto de Peter Drucker:

As instituições sem fins lucrativos em geral (...) precisam distinguir entre causas morais e causas econômicas. Uma causa moral é um bem absoluto. Os pregadores vêm vociferando contra a fornicação há cinco mil anos. Infelizmente os resultados foram nulos, mas isto só prova que o mal está profundamente enraizado. A ausência de resultados indica somente que os esforços têm que ser redobrados. Esta é a essência da causa moral.

Ao realizar a Viagem Espírita de 1862, Allan Kardec era questionado pelos espíritas que já se defrontavam com esta situação, nos seguintes termos: "Há uma coisa ainda mais prejudicial ao Espiritismo do que os ataques apaixonados de seus inimigos: é o que publicam, em seu nome, seus pretensos adeptos. Certas publicações são realmente lamentáveis, porque não podem dar ao Espiritismo senão uma ideia falsa e expô-lo ao ridículo. E de se perguntar por que Deus permite essas coisas e não esclarece todos os homens de igual modo. Haverá algum meio de se remediar

esse inconveniente, que nos parece um dos maiores escolhos da Doutrina?

Resposta do Codificador: É preciso que se saiba que o Espiritismo sério patrocina com satisfação e zelo toda obra feita em boas condições, venha de onde vier; mas, por outro lado, repudia todas as publicações excêntricas. Todos os espíritas que se empenham para que a Doutrina não seja comprometida devem, pois, esforçar-se para as condenar, tanto mais porque, se algumas delas são feitas de boa fé, outras podem sé-lo pelos próprios inimigos do Espiritismo, tendo em vista desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. Daí por que, repito, é necessário que se conheça o que ele aceita, daquilo que repudia."

Instruções Particulares dadas aos Grupos em Resposta a algumas das Questões Propostas -

Então, vamos seguir falando sim, até desenraizarmos esta hidra que enfraquece a nossa atividade e retarda a marcha do Espiritismo, e sedimentarmos a consciência espírita nos moldes trazidos pelo insigne Mestre de Lion e que o professor Jerri Almeida modelou no esquema, que transcrevemos a seguir, em sua obra Convivência no Centro Espírita.



*L. M. - Revista Espírita, junho de 1862,
cap. 29, itens 340 e 341; cap. 31, item 22*



A AUSÊNCIA DOS TRABALHADORES ESPÍRITAS ÀS REUNIÕES E AÇÕES DE UNIFICAÇÃO:



A cultura do diálogo é uma conquista gradativa da civilização no campo das relações interpessoais.

As reuniões administrativas, tanto nos centros espíritas, quanto nos órgãos de unificação ainda enfrentam debates internos, muitas discussões e bem poucos diálogos, o que se constitui em um dos motivos para o seu esvaziamento.

Criar o hábito do diálogo como afirma Peter Senge, Chris Argyris e outros leva tempo e requer coragem.

DIFERENÇA ENTRE DEBATE, DISCUSSÃO E DIALOGO

Debate: ter um ponto de vista fixo e tentar convencer os outros de que se está certo. O debate costuma resultar em radicalização das opiniões existentes e resistir a mudanças.

Discussão: ter em vista um resultado que se quer alcançar, mas com disposição para ouvir e aceitar a validade do ponto de vista alheio. A discussão geralmente leva a mudanças modestas de percepção e concessão.

Diálogo: abordar uma questão com a mente aberta, tendo em vista compreender o ponto de vista dos outros, e talvez criar uma nova perspectiva. O diálogo conduz ao compromisso e ao desejo de mudar. (Clutterbuck 2008)

Pode ser a saída para tornar mais produtivas as nossas reuniões e revertermos o esvaziamento quando ele ocorre. De quem é a responsabilidade da implantação desta cultura? Podemos responder: É da liderança. Certamente. Mas não só do líder. É uma questão de sustentabilidade ética. Todos necessitam se empenhar para que **tudo se faça pelo bem de todos.**

Deixarmos de frequentar as reuniões, porque estão improdutivas, porque surgem conflitos, porque temos muito trabalho na nossa casa, porque somos poucos, porque temos que viajar mais um dia, porque não necessitamos do que lá de discute são posturas que se traduzem pela *porta larga que conduz à perdição*.

Quantas vezes agendamos eventos *no nosso centro*, que conflitam com as atividades, eventos e reuniões de unificação e apresentamos, sem nenhum constrangimento, essa desculpa para a nossa ausência. Isso é carência de sustentabilidade ética em nossas relações institucionais.

Reflitamos, assim, na passagem do Evangelho Segundo o Espiritismo que diz:

São chegados os tempos em que se hão de desenvolver as ideias, para que se realizem os progressos que estão nos designios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Não se acredite, porém, que esse desenvolvimento se efetue sem lutas. Não; aquelas ideias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a

beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, que então abraçarão uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e descerra as portas da felicidade eterna. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá. – E.S.E - Um Espírito israelita. (Mulhouse, 1861.)

Nestas lutas, para que possamos afirmar nossas convicções e formarmos um feixe compacto a fim de concluir a obra, é vital a postura ética, evangélica, para que as ideias diferentes originem decisões maduras e mais ricas e não degenerem em contendas e disputas estéreis, o que retarda alcançarmos o status que preconiza o codificador no texto a seguir:

Os espíritas do mundo todo terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo sagrado laço da fraternidade, mas cujas aplicações variarão segundo as regiões, sem que, por isso, a unidade fundamental se rompa; sem que se formem seitas dissidentes a atirar pedras e lançar anátemas umas às outras, o que seria absolutamente antiespírita.

Obras Póstumas- Allan Kardec

Sugerimos que nos grupos de estudo, palestras e reuniões tenhamos sempre um espaço para dialogarmos e refletirmos sobre a Unificação do Movimento Espírita, seu histórico, seus princípios, objetivos, ações, benefícios, valores a fim de que se fortaleça o comprometimento dos trabalhadores e dirigentes espíritas com a missão que lhes cabe.



Sustabilidade sociopolíticocultural:

União e Unificação. Relacionamentos e esforços conjuntos como meio de manter e pereenizar as ações de popularização da doutrina e de sustentação das necessidades gerais e individuais.

A natureza do movimento espírita, vamos encontrá-la na seguinte afirmativa de Kardec ao falar da comissão central, papel que hoje cabe às federativas:

(...) um foco de atividade coletiva, atuando no interesse geral e onde se apaga toda autoridade pessoal.

Essa atividade coletiva requer uma pluralidade de competências, ou seja, de conhecimentos, habilidades e atitudes voltadas para atingir o objetivo comum.

Isto requer a capacidade de compartilhamento de visão a fim de que os ideais sonhados e construídos, como diz Joana de Ângelis em uma bela página da obra Dias Gloriosos, adquiram sustentabilidade e possam ser habitados por muitos que sucedem o idealista.

O idealista, malgrado os seus sentimentos nobres, perde o con-

tato com a realidade e acredita-se dono do labor, imaginando que ninguém tem condições de o substituir, transformando-se em instrumento de perturbação e de mau desempenho, por não querer repartir com os demais, esquecendo que todos somos mordomos das Divinas Concessões e que daremos conta do que seja realizado.

Esta ação estratégica para garantir o futuro das nossas instituições deve se constituir em plano permanente a ser executado pelas lideranças espíritas.

As histórias de instituições que cerram suas portas pela falta de recursos humanos é uma lição que necessitamos aprender para erradicarmos da nossa história.¹

Há poucos meses, vivemos uma situação destas. Recebemos a visita de uma trabalhadora, com extensa folha de serviços prestados ao Movimento Espírita, que presenciou e participou de muitos fatos importantes do Espiritismo e buscava a federativa para comunicar o encerramento das atividades do centro espírita, por ela sonha-

do, construído e dirigido por mais meio século. Diante das exigências legais advindas da tragédia ocorrida na boate Kiss em Santa Maria, o prédio bem situado em uma das maiores cidades do estado fora interditado. Não havia recursos para a adaptação.

Indagamos à querida irmã, porque não aceitara o auxílio que sabíamos tinha sido oferecido pelos irmãos de outras instituições que compõem a União Espírita do município ao qual a casa pertencia?

Doeu-nos tanto a resposta obtida, quanto o fechamento do centro: *Se eles entrarem lá vão tomar conta.*

E assim um prédio grande, com estrutura para acolher, esclarecer, consolar e orientar tantas almas hoje é um casarão sombrio, solitário, habitado por uma alma solitária que entre as teias de aranha recorda o passado e reclama do presente.

Cabe refletir, sempre, sobre o alerta trazido por Joana de Ângelis na obra acima citada:

Todo ideal direcionado à Terra pode ser comparado a um filho amado que se concebe enternecidamente, se lhe prepara o enxoval de amor e de carinho, para ir educando-o com esforço e esmero até o momento de entregá-lo ao destino que o aguarda, para que



dê continuidade ao processo de crescimento dele próprio e da humanidade.

Impedi-lo de avançar por cuidado ou excesso de zelo é castrá-lo e privar a sociedade da convivência de um dos seus queridos membros, em tormentosa volúpia de propriedade de vida, longe da razão e da lógica.

Da mesma forma que os pais são co-criadores, os obreiros são co-construtores, cujo desempenho se coroa de alegria, quando terminada a etapa que lhes foi destinada a realizar.

Sonhar com os ideais de engrandecimento humano, empenhar-se na sua edificação e habitar os resultados com carinho e gratidão a Deus, constituem os passos gigantes que todos os indivíduos devem promover em favor de si mesmos e da sociedade.

A formação de equipes, o compartilhamento de visão e a preparação de lideranças são lições do Mestre Jesus, o modelo e guia da humanidade, razão pela qual a sua doutrina de luz atravessou os tempos.

Mesmo na condição de Puro Espírito, tendo atingido o grau de perfeição de que é suscetível a criatura, narra o evangelista Mateus, 10:1. que convocando seus doze discípulos, deu-lhes autoridade sobre Espíritos impuros a fim de expulsá-los e curar toda doença e toda enfermidade. E depois, o evangelista Lucas, 10:1-24, Depois disto, o Senhor escolheu outros setenta e dois discípulos e enviouos à sua frente de dois em dois a todas as localidades, vilas e aldeias que tencionava visitar mais tarde.

E Humberto de Campos, em Boa Nova, informa que Foi [...] confiado aos quinhentos da Galileia o serviço glorioso da evangelização das coletividades terrestres, sob a inspiração de Jesus-Cristo.

Tais notícias afiançam que, mesmo em condições de realizar a obra contando apenas com suas perfeições, o Mestre escolheu realizar o trabalho em equipe para que a implantação do reino lograsse a sustentabilidade sociopolíticocultural.



A Federação Espírita do Rio Grande do Sul desenvolve, desde 2008, o Programa para Formação de Lideranças para o Centro Espírita e Órgãos de Unificação que tem como objetivo compartilhar com a rede federativa, conceitos, ações, reflexões e vivências tendentes a propiciar uma cultura de liderança servidora, adequada ao processo de fortalecimento da união dos espíritas e unificação do Movimento Espírita.

Esta é uma ferramenta importante, uma estratégia para a sustentabilidade sóciopolíticocultural.

Em A Caminho da Luz, Emmanuel revela o seguinte texto e contexto; *Allan Kardec, todavia, na sua missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma pléiade de companheiros e colaboradores, cuja ação rege-*

neradora não se manifestaria tão somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do século XIX.

Significa que as diretrizes para o êxito de quaisquer missões estão ligadas a uma atuação plural, a um processo onde o coletivo é indispensável.

O Movimento Espírita é mais uma oportunidade excelente de aprendizagem social, de desenvolvimento dos valores da tolerância, do respeito à liberdade alheia, do exercício consciente da própria liberdade e da fraternidade.

É um estágio abençoado para que a humanidade atinja o seu fim, que é gravitar para a unidade divina, consoante responde Paulo, o apóstolo, na questão 1009 de O Livro dos Espíritos.



Sustentabilidade ambiental:

As práticas de sustentabilidade no âmbito do Movimento Espírita devem também ater-se, inevitavelmente, aos aspectos relacionados aos ambientes que nos acolhem no orbe terreno. Embora a finalidade espiritual e divina, estamos estruturados como organização humana, dotada de milhares de instituições que interagem, constantemente, com as realidades material e espiritual, utilizando recursos da mais variada ordem para atingirmos nossos objetivos.

As sociedades humanas trilham para uma necessária e lúcida aquisição de consciência no que diz com a interação entre o homem e a natureza, gerando reflexões e políticas que abrangem a utilização de recursos como o petróleo, a água, a energia, a madeira, passando por questões de saneamento, reciclagem do lixo, preferência pelo uso de materiais biodegradáveis, reciclados, etc.

Trata-se de uma visão mais madura da existência humana, rumando para uma consciência ecológica e de manutenção da vida em nosso planeta.

Trazendo-se tal contexto para a luz do conhecimento espírita, vislumbra-se ainda maior urgência e profundidade nas reflexões ligadas à sustentabilidade ambiental. Isto porque o Espiritismo é ecológico em sua essência, fundando-se em princípios de solidariedade e responsabilidade individual e coletiva, evidenciando através do estudo da reencarnação que somos herdeiros de nossas ações e de seus reflexos na morada que habitamos.

Não se trata apenas de cuidarmos do planeta para nossos filhos e netos, mas de preparamos no presente a realidade ambiental que irá acolher a nós mesmos, nesta e em próximas reencarnações, caso tenhamos méritos e condições evolutivas de permanecermos na Terra. Mais do que isto: considerando que habitamos um universo em que tudo está interligado, não há ação ou omissão que não legue um efeito, um reflexo positivo ou negativo à obra da criação.

São numerosas as referências contidas na Codificação Kardequiana neste sentido. Destacamos, por oportuna, as menções havida na obra “A Gênese”:

“De sorte que as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros, e assim sucessivamente, até o átomo” (Cap. XVIII, item 8)

“[...] tudo no universo se liga, tudo se encadeia, tudo se acha submetido à grande e harmoniosa lei de unidade” (Cap. XIV, item 12).

Logo, é inadiável a adoção pelos adeptos do Espiritismo, pelos Centros Espíritas e pelos órgãos de unificação de medidas voltadas ao uso razoável dos recursos que nos são oferecidos pela natureza, mensurando conscientemente o consumo e agindo como seres ecológicos.

As escolhas diárias entre o necessário e o supérfluo, que nos podem elevar em padrões de espiritualidade ou deter em teias de materialismo, alcançam inevitavelmente a gestão de nossas instituições e os seus reflexos na sustentação da morada terrena, como bem destaca O Livro dos Espíritos na resposta à questão de número 705: *[...] a Terra ofereceria ao homem sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem contentar-se.*

Ao analisar a interação entre Doutrina Espírita e a Ecologia, destacando a potencial sinergia destas ciências ante a crise ambiental ora vivenciada, assim refere, com propriedade, o autor André Trigueiro:

São realmente muitas as afinidades entre a doutrina espírita e as ciências ecológicas. Abrir espaço para pesquisas nesta direção significa oxigenar o debate em favor da vida, em um momento estratégico para nossa espécie. Vivemos hoje uma crise ambiental sem precedentes na história da Humanidade e somos diretamente responsáveis por essa situação. O uso soberano do nosso livre-arbítrio nos trouxe até aqui. Hoje, testemunhamos o risco do colapso, do ecocídio que torna o planeta cada vez mais hostil à nossa presença. A boa notícia é que dispomos de todos os meios necessários para reverter essa situação e transformar positivamente essa

realidade. Quem procura melhorar-se ética e moralmente – e o Espiritismo elege como uma de suas prioridades a reforma íntima – deve agir em favor da vida, da harmonia e do equilíbrio. Ser sustentável é cuidar de si, dos outros e de nossa casa planetária. Já.

Incumbe, pois, ao espírita verificar inúmeras questões em sua rotina pessoal e institucional, tais como: que tipo de papel tenho utilizado? Qual o tipo de lâmpada escolhido pelo Centro Espírita? Tenho feito uma adequada separação e destinação do lixo? É possível aproveitar a água da chuva na minha instituição e utilizá-la adequadamente? Os conteúdos ligados à preservação ambiental tem sido devidamente abordados nos grupos de estudos, palestras públicas, evangelização infanto-juvenil e demais atividades da instituição em que atuo? Disponho de literatura adequada sobre este tema na biblioteca e no posto de venda de livros?

Estes e muitos outros aspectos devem ser considerados na administração de nossos lares e, principalmente, de nossas instituições espíritas, de modo a gerirmos de forma sustentável os recursos naturais e interagirmos de maneira verdadeiramente cristã com a Criação Divina.

Ciente de tal contexto, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul – FERGS estruturou há alguns anos uma área de gestão do saber ambiental, responsável por orientar práticas de sustentabilidade no âmbito da instituição e do Movimento Espírita Gaúcho. A partir da produção desta célula de trabalho, pode-se destacar, além dos inúmeros eventos e da qualificação permanente da gestão federativa, os recentes lançamentos do livro infantil “Roboclável”, de autoria de Adeílson Salles, e da cartilha “Casas Espíritas e Preservação Ambiental”, voltada ao gerenciamento de resíduos sólidos gerados por nossas tarefas diárias.



O processo de unificação permite o compartilhamento de inúmeras experiências exitosas, desde as mais simples às mais elaboradas, sendo extremamente relevante criarmos momentos e mecanismos para refletirmos, planejarmos e avaliarmos nossas práticas neste particular.

E não se esgotam no âmbito do visível e palpável as nuances da sustentabilidade ambiental, quando tratamos do tema à luz da ciência espírita. Basta observarmos o ambiente ao nosso redor e nos perguntarmos de quais elementos ele é composto: piso, paredes, teto, plantas, animais, móveis, o ar que respiramos? Certamente que sim, mas não apenas disto; todo e qualquer ambiente está impregnado de fluidos mais etéreos que a matéria densa apreciada pelos sentidos físicos, razão pela qual estamos envolvidos por energias mais ou menos salutares, oriundas de nossas próprias mentes e daquelas que nos acompanham.

Constantemente emitimos conteúdo para o ambiente que habitamos, através do teor dos pensamentos, das palavras, das ações, dos sentimentos que nutrimos. Tais elementos são exteriorizados e passam a integrar e influenciar os seres que conosco convivem.

Consequentemente, além de buscarmos a superação e a prevenção da poluição ambiental sob aspectos físicos, é de extrema importância que o façamos quanto à poluição fluídica.

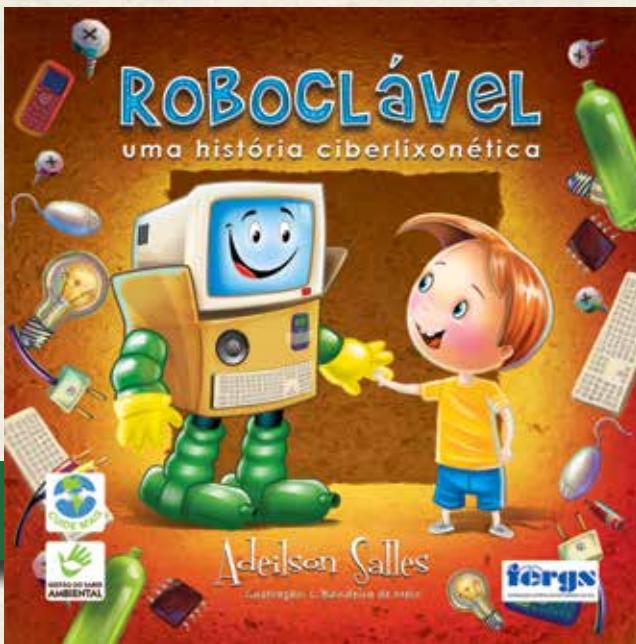
Um agir ambientalmente sustentável sob esta perspectiva exige-nos maior vigilância quanto ao teor de nossas conversações, de nossas imagens e emanações mentais, das leituras que fazemos, etc.

Um falar maledicente e um estado mental voltado à crítica e à negatividade são elementos poluidores, assim como o são as músicas inadequadas, desprovidas de harmonia e de letras edificantes.

A cada um cabe questionar-se: qual tem sido a minha contribuição para os ambientes que frequento? Quais são as minhas posturas no dia-a-dia do trabalho no Centro e no Movimento Espírita? Sou um agente poluente ou um seareiro com um agir sustentável, emitindo pensamentos positivos, palavras de bom ânimo e compreensão?

E assim como a poluição das cidades, das florestas e dos rios atrai a proliferação deletéria de insetos, bactérias e causa inúmeros prejuízos à saúde, a poluição fluídica irá atrair para os ambientes os Espíritos que se afinizam com tal realidade, favorecendo os processos obsessivos individuais e coletivos.

Por conseguinte, se pretendemos manter a higidez do ambiente de nossas instituições, precisamos nos ater a todos os aspectos de sustentabilidade mencionados, gerindo resíduos sólidos e sutis, empregando com sabedoria os recursos materiais e fluídicos que nos são ofertados pela Providência Divina.



É inexorável a compreensão abrangente da realidade em que vivemos, como bem retrata Allan Kardec no comentário que antecede à questão de número 37 de O Livro dos Espíritos (A Formação dos Mundos): *O Universo abrange a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o enchem.*

E se há uma interdependência total entre tudo quanto existe, outra reflexão surge: em se tratando de preservação dos ambientes, prevenção e superação de obsessões e esforço pela edificação de uma realidade equilibrada material e espiritualmente, haverá alguma distinção na conduta espírita a ser vivenciada no Centro Espírita ou fora dele? Poderemos nós, ultrapassando as dependências físicas de nossas instituições, olvidarmo-nos das práticas de sustentabilidade ambiental? Certamente que não.

Somos “homens no mundo”, desafiados diariamente a vivenciar a realidade da vida material sob o ponto de vista do Espírito imortal. O Evangelho é guia de conduta que abrange a integralidade da trajetória humana, sem qualquer exceção temporal ou geográfica.

Logo, se uma conduta não se mostra ambientalmente saudável para ser praticada no interior do Centro Espírita, também não o será em qualquer outro local pelo qual possamos trilhar.

O benfeitor Emmanuel, na introdução da obra *Caminho Verdade e Vida*, lega-nos preciosa lição neste tema:

[...] *O Evangelho não se reduz a breviário para o genuflexório. É roteiro imprescindível para a legislação e administração, para o serviço e para a obediência. O Cristo não estabelece linhas divisorias entre o templo e a oficina. Toda a Terra é seu altar de ora-*

ção e seu campo de trabalho, ao mesmo tempo. Por louvá-lo nas igrejas e menoscabá-lo nas ruas é que temos naufragado mil vezes, por nossa própria culpa. Todos os lugares, portanto, podem ser consagrados ao serviço divino.

Assim, se buscamos a utilização de papel e lâmpadas adequadas no Centro Espírita, o mesmo há de ser feito em nossos lares e ambientes profissionais; a separação do lixo, utilização racional da água e da energia, etc. são práticas a serem adotadas em todos os lugares por onde passarmos.

Acerca da sustentabilidade fluídica e espiritual dos ambientes, a coerência também se faz necessária: se não oferecemos aos frequentadores do Centro Espírita músicas atordoantes (por saber que desarmonizam e desequilibram), bebidas alcoólicas (por compreender que sempre se conectam de modo perigoso e enfermo às fragilidades humanas) ou imagens violentas ou sensuais (por serem fatores de adoecimento e de sintonias espirituais deletérias), por qual razão deveríamos fazê-lo em nossos lares ou em qualquer outro ambiente social?

Na obra Psicosfera, Cícero Marcos Teixeira diz que “a psicosfera ambiental resulta da ação teledinâmica da mente humana, cujos pensamentos emitidos gravitam no ambiente em que o homem vive, imantando-se aos objetos e utensílios de uso pessoal, cuja permanência ou duração depende do interesse e da natureza dos pensamentos, emoções e sentimentos realimentados pelos indivíduos envolvidos numa determinada situação ou circunstância da vida de relação.”

Como bem ressalta Emmanuel, não há linha divisória entre o templo e a oficina, e nossas quedas justamente tem se dado, ao longo dos séculos, por “louvarmos o Cristo nas igrejas e menoscabá-lo nas ruas”, por ostentarmos uma vida no ambiente religioso e outra na rotina diária.

Logo, se pretendemos uma ação ambientalmente sustentável, que irá concretizar-se com a transformação da Terra em um Mundo Regenerador, é chegado o tempo de enfrentarmos com





paciência e amorosidade, mas com firmeza, as convicções equivocadas que temos e as justificações que nos retardam a marcha evolutiva. Se, por exemplo, não ofereço vinho, vodca ou cerveja – mas sim água fluidificada - no Centro Espírita, não há justificativa para disponibilizar tais bebidas alcoólicas em meu lar, em uma festividade ou no convívio social – já que posso estar oportunizando a minha própria queda ou a de irmãos meus, bem como favorecendo os conúbios espirituais infelizes. O esforço de superação dos vícios e a coragem da conduta cristã são também fatores de sustentabilidade ambiental - ambos muito bem contemplados por Paulo de Tarso quando nos conclama a sermos “cartas vivas” do Evangelho de Jesus.

Da mesma forma que a evolução dos mundos é determinada pela média evolutiva de seus habitantes, os ambientes que frequentamos e integramos terão sempre o colorido das nossas emanações e ações. Esta consciência ambiental abrangente, realista e profunda constitui-se em fator essencial à sustentabilidade e à própria felicidade tão almejada pelos indivíduos e sociedades.

Feitas estas singelas considerações, prosseguimos à análise de um próximo pilar de sustentabilidade no Movimento Espírita, condicionante do cumprimento da Missão do Espiritismo, qual seja, a sustentabilidade econômica.

Sustabilidade econômica:

O dinheiro não compra o Céu, mas pode gerar a simpatia na Terra, quando utilizado nas tarefas do Bem.

Não paga a boa vontade, entretanto, semeia o benefício e o contentamento de viver, se nossa alma permanece voltada para a Divina Inspiração.

Não tem valor para o câmbio, depois da morte, contudo, é sustentáculo do progresso geral, se nosso espírito está centralizado nos objetivos de elevação. [...]

Não nos esqueçamos de que Jesus abençoou o vintém da viúva, no tesouro público do Templo e, empregando o dinheiro para o bem, convertamo-lo em colaborador do Céu em todas as situações e dificuldades da Terra.

*(Emmanuel. Livro “Dinheiro”,
ditado a Francisco Cândido Xavier. Capítulo “Dinheiro”)*

O emprego da riqueza constitui-se em um dos principais desafios para o Espírito encarnado, estendendo-se tal circunstância para a gestão das organizações e instituições humanas.

No seio do Movimento Espírita, a necessidade de haurirmos sustentabilidade econômica e financeira está diretamente relacionada ao “como e quando” cumprimos a Missão do Espiritismo

e a Missão dos Espíritas. Isto porque dessedentarímos nossos irmãos em humanidade com a difusão espírita e destruirmos o materialismo demanda a disponibilidade e o adequado emprego do **dinheiro** em favor de ações abrangentes, duradouras e efetivas na direção de nosso público-alvo.

Observemos a necessidade que temos de fundar novas instituições, manter e prover de

instalações mais adequadas os Centros espíritas existentes, deslocarmo-nos para as necessárias visitas, treinamentos, reuniões de trabalho entre seareiros, promovermos o trabalho de unificação, produzirmos mídias e publicações belas e qualificadas, distribuindo-as adequadamente, etc. Qual destas ações poderia ser realizada sem o aporte de recursos financeiros? Respondemos sem hesitar: nenhuma!

Talvez os níveis de egoísmo e orgulho, associados às equivocadas vivências que atravessamos na conjugação do dinheiro à prática religiosa, nos tenham retirado a espontaneidade ou a lucidez para bem tratarmos desta temática em nosso meio. No entanto, é fundamental que tratemos de sustentabilidade econômica e financeira com serenidade e clareza, observando o dinheiro como recurso providencial, talento a ser preservado, empregado e multiplicado para o atingimento do Ideal que ora nos consorcia.

A manutenção e avanço das atividades de divulgação do Cristianismo sempre constituíram objeto de atenção dos trabalhadores do Cristo. Jamais, todavia, Deus permitiu ou permitiria que os adeptos da Doutrina Cristã houvessem de desempenhar uma tarefa para a qual não lhes fosse possível haurir os recursos necessários.

Vejamos a narrativa contida em Atos dos Apóstolos, acerca da sustentabilidade financeira da Primeira Comunidade Cristã (Atos 4:32 – 35):

A PRIMEIRA COMUNIDADE CRISTÃ. O coração e alma da multidão dos que creram eram um só, e ninguém dizia ser somente seu algo do que possuía, mas todas as coisas lhes eram comuns. Os apóstolos davam testemunho, com grande poder, da ressurreição do Senhor Jesus, e havia em todos eles grande graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles; já que todos os que eram proprietários de terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das coisas vendidas e colocavam junto aos pés dos apóstolos; e era distribuído a cada qual conforme a necessidade de cada um.

Vê-se que o emprego da riqueza constituía fator de equilíbrio, que permitia a realização dos esforços e ações iniciais da comunidade. Teria tal contexto da Providência Divina se modificado? Estariam o Movimento Espírita e os adeptos do Espiritismo sem ocasião de obterem e empregarem os recursos financeiros fundamentais para o atingimento de seus nobres objetivos?

A resposta a tal questionamento nos fez consultar inclusive alguns fatores estatísticos, já que nos parece, algumas vezes, que estariamos desfavorecidos quanto à concessão destes recursos em relação a outras confissões religiosas. No entanto, são bastante claros os dados do CENSO IBGE 2010 ao apontar que 19,7% dos espíritas declararam-se com rendimentos mensais superiores a cinco salários mínimos, o que nos coloca como os materialmente mais ricos entre os religiosos de nosso país.

O dado é por demais interessante, por quanto, embora tenhamos belíssimos exemplos de abnegação e caridade entre os trabalhadores espíritas, é inegável que nossas instituições e ações encontram hoje sério limitador na escassez de dinheiro. Muitos são os Centros Espíritas com instalações precárias e ainda poucos são os nossos acessos a mídias de massa, por exemplo.

É de nos questionarmos se não há ainda uma cultura de avareza ou uma timidez excessiva em direcionarmos os nossos recursos e sensibilizarmos os nossos irmãos de ideal espírita a fazê-lo. Se a finalidade das nossas reencarnações consiste invariavelmente no progresso intelectual e na melhoria do mundo que habitamos, certamente que o nosso dinheiro deve também destinar-se a tais fins!

É deveras relevante que os adeptos mantenham a comunidade e que destinemos, pessoal e institucionalmente, o quanto pudermos de nossos recursos financeiros para a manutenção e avanço dos Centros Espíritas e dos órgãos de unificação.

Quando trata do avanço da sua Doutrina através do trabalho de divulgação operacionalizado pelos primeiros doze, assim pondera Jesus(Lucas, 22:35-37):

BOLSA, ALFORJE E ESPADA. E disse-lhes: quando vos enviei sem bolsa, nem alforje, nem sandálias, não sentistes falta de algo? Eles, porém, disseram: de nada. Disse-lhes: mas, agora, o que tem bolsa tome-a; de forma semelhante, também o alforje; e, quem não tem, venda a sua veste e compre espada.

Ora, bem sabia o Mestre que o emprego da riqueza é fator de perdição ou redenção espiritual dos seus seguidores, deixando muito clara a necessidade de concebermos o dinheiro como meio e a caridade pela difusão e prática do Cristianismo como fim. Por isto, em narrativaposta no Livro Boa Nova, advertiu Judas acerca do peso da bolsa: o acúmulo não deve pesar demais em nossas mãos e sob nossos interesses, devendo ser investido com racionalidade e fé; por isto abençou a retificação de Zaqueu, por quanto é sempre tempo de refletirmos e reprogramarmos o caminho no qual empregamos os bens que nos foram emprestados por Deus.

A este compromisso de natureza consciential e individual, a ser despertado e consolidado em muitos adeptos do Espiritismo, é que se somam as ações de gestão e mesmo o exercício da comercialização de livros e outras possibilidades de receitas. A sustentabilidade do Movimento Espírita há de se dar, em sua base, pela contribuição das pessoas e das instituições e, então, por outras iniciativas de arrecadação – sempre submetidas ao crivo ético e doutrinário.



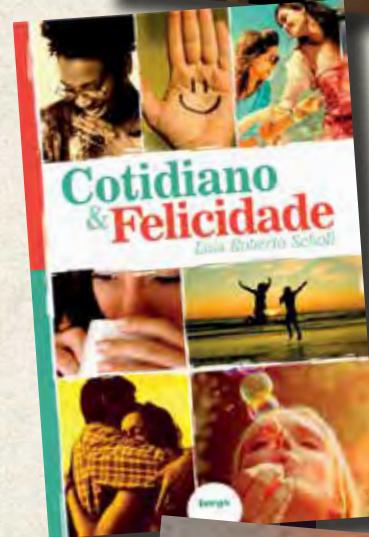
Allan Kardec, em Obras Póstumas, apresenta-nos texto de grande visão e clareza acerca do tema:

Vias e Meios. É de lastimar, sem dúvida, que tenhamos de entrar em considerações de ordem material, para alcançarmos um objetivo todo espiritual. Cumpre, porém, observemos que a espiritualidade mesma da obra se prende à questão da Humanidade terrena e do seu bem-estar; que já não se trata somente da emissão de algumas ideias filosóficas, mas de fundar alguma coisa de positivo e de durável. [...] O próprio interesse do Espiritismo exige, pois, que se apreciem os meios de ação, para não ser forçoso parar a meio do caminho. Aprecie-los, portanto, uma vez que estamos num século em que é preciso calcular tudo. [...] Ponto essencial, na economia de toda administração previdente, é que sua existência não dependa de produtos eventuais que possam fazer falta, mas de recursos certos, regulares, de maneira que sua marcha, aconteça o que acontecer, não seja embaraçada. [...] A sorte de uma administração como esta não pode ficar subordinada aos azares de um negócio comercial; precisa ser, desde o seu início, senão tão floriente, pelo menos tão estável quanto o será daqui a um século.

Vê-se que o Codificador traz ponderações bastante profundas e assertivas sobre sustentabilidade, contemplando a necessidade do planejamento financeiro, da qualificação de gestão, da busca permanente por meios de manutenção das atividades, chegando a alertar que a atividade comercial (atualmente centrada no livro) não deve responder inteiramente pelas receitas do Movimento Espírita, cabendo aos adeptos prover a subsistência das instituições e atividades.

Em entrevista concedida ao periódico da FERGS, Diálogo Espírita, no ano de 2010, o querido irmão e à época presidente da FEB, Nestor João Masotti, fez as seguintes ponderações:

DE: Atualmente os dirigentes espíritas estão muito preocupados com a questão da sustentabilidade das instituições, de modo a



atender a demanda recente de pessoas buscando as casas espíritas. Para tanto, as casas espíritas precisam de estrutura material adequada. Existe alguma perspectiva, diretriz ou conselho no sentido de buscar a sustentabilidade das casas e a qualificação de sua gestão? NM: Esse é um dos mais sérios desafios que o Movimento Espírita possui. Nós partimos de uma postura ainda amadora que herdamos, de que pessoas não tinham o hábito nem sequer da doação para a casa espírita. Elas esquecem que o trabalho básico da Casa, acima de tudo, é um trabalho de divulgação da Doutrina. Emmanuel destaca muito bem, que a maior caridade que podemos fazer pela Doutrina Espírita é a sua própria divulgação. Nós achamos que é preciso trabalhar e conversar muito com os espíritas, para que nós possamos conscientizá-los a colaborar no trabalho que é feito. Se vários companheiros puderem colaborar, simplesmente, doando recursos para gerar esta sustentabilidade, já ajuda bastante. E quando se fala em difundir o livro, quando se fala em difundir a Doutrina Espírita, inclusive para áreas onde as possibilidades são extremamente precárias, realmente é importante levantar-se recursos. Não somos partidários de que transformemos o livro na única fonte de renda das Instituições Espíritas. O livro pode vir a ser um trabalho de apoio, uma rentabilidade que ajude, mas não podemos transformá-lo em objeto exclusivo de obtenção de recursos. Pelo contrário, ele deve ser trabalhado como veículo de difusão da doutrina espírita.

Podem-se, portanto, extrair orientações muito claras das transcrições acima:

- a) a manutenção das atividades das instituições espíritas deve ser provida financeiramente pelos adeptos, de modo prioritário, investindo o quanto lhes seja possível na divulgação do Espiritismo;
- b) da mesma forma, a manutenção dos órgãos e atividades de unificação não de ser prioritariamente providos pelas instituições adesas, incumbindo aos Centros Espíritas manter e buscar meios de manter as Federativas, considerando-se a natural finalidade destas últimas de servir às células básicas do Movimento Espírita;
- c) a atividade comercial livreira deve ser desempenhada priorizando-se a destinação das receitas ao Movimento Espírita, adotando-se ações de sustentabilidade ética, inclusive, na escolha de fornecedores, parceiros comerciais, definição de políticas de venda, análise do conteúdo das obras comercializadas, como já discorremos na abordagem do pilar da sustentabilidade ética.



Há de se compreender, por exemplo, que quando um Centro Espírita estabelece práticas de concorrência comercial entre uma federativa e uma distribuidora alheia ao Movimento Espírita e eventualmente adquire livros desta última está vulnerando os pilares de sustentabilidade ética e financeira do Movimento Espírita.

Há neste particular uma lógica que, embora cristalina, ainda não está suficientemente sedimentada em nosso meio. Se já encontramos dificuldades em conscientizar o adepto a contribuir com a sustentabilidade do Centro Espírita, oportunizando a ele o bom emprego de seus recursos, mais árdua ainda é a sensibilização para que se dê a devida contribuição dos adeptos e das instituições espíritas aos órgãos de unificação, tais como as federações espíritas. As federativas estaduais são constituídas pelos próprios Centros Espíritas, com o objetivo de instrumentalizar e liderar o processo de unificação, bem como de difusão doutrinária, capacitando trabalhadores, produzindo publicações, materiais pedagógicos, apoiando e servindo às instituições espíritas em cada estado. Observe-se que se os associados pessoas físicas são a base de sustentação financeira do Centro Espírita, os Centros Espíritas são os responsáveis pela manutenção das federativas – fato que se torna ainda mais claro quando entendemos que as atividades finalísticas das federações geram naturalmente despesas (unificação e divulgação doutrinária) sem receitas em contrapartida.

Inclusive a atividade de comercialização de livros espíritas, já mencionada, realizada por muitas federativas, possui limitadores do ponto de vista comercial. Não podemos desconsiderar que um dos principais obstáculos à marcha do Consolador centra-se na divulgação de livros pseudo-espíritas, que subvertem os princípios doutrinários e retardam o esclarecimento dos leitores; diante disto, as Federações Espíritas tem o compromisso/dever de distribuírem unicamente livros detidamente analisados, para não se tornarem disseminadoras de conteúdos que vulneram os postulados espíritas.

E isto faz com que o mix de obras comercializáveis pelas federativas seja muito menor do que o oferecido pelas distribuidoras que não estão vinculadas ao Movimento Espírita nem compromissadas com a difusão do Espiritismo. Um número menor de obras comercializáveis reflete-se inevitavelmente na diminuição de flexibilidade em políticas comerciais, tornando – já sob este aspecto, desleal a concorrência entre uma federativa e uma distribuidora comum. Soma-se a este contexto o fato de que as receitas obtidas pelas federativas em sua atividade livreira são inteiramente absorvidas pelas suas atividades-fim: união dos espíritas, unificação das instituições espíritas e divulgação do Espiritismo; de outro lado, as distribuidoras comuns podem reinvestir integralmente seus resultados ou destiná-los ao bem-estar e acúmulo patrimonial de seus sócios.

A consequência inevitável disto é absoluta impossibilidade de o Centro Espírita estabelecer uma comparação justa e ética entre os livros, preços e condições de pagamentos oferecidos pela federativa à qual são adesos e as obras e condições oferecidas por uma distribuidora empresarial. Aliás, quando por despreparo ou falta de consciência o dirigente espírita deixa de cumprir o pacto federativo e de unificação que vincula o Centro ao Movimento Espírita e age sob a única preponderância de fatores comerciais, deveria questionar-se se a distribuidora a quem favoreceu, em detrimento da sua federativa, irá ministrar qualificações aos trabalhadores do Centro Espírita, irá trilhar pelo estado auxiliando a fundação e man-

tença de novas instituições, irá produzir material pedagógico para auxiliar e orientar as atividades dos voluntários e áreas dos Centros Espíritas... se a resposta for um “não” significa que a sua decisão não é sustentável, uma vez que coloca o Centro Espírita e seu equivocado dirigente na condição da célula que voluntariamente abriga o vírus que irá adoecer e debilitar o tecido que ela própria integra.

Além destas necessárias, e por vezes desconfortáveis reflexões, a sustentabilidade econômica do Movimento Espírita demanda, ainda, que consideremos o aumento das fontes de receitas, das parcerias com o primeiro, segundo ou terceiro setores (desde que mantida a independência e a higidez doutrinária de nossas ações) e geração de receitas através de eventos.

Embora sejam e devam ser gratuitas todas as atividades do Centro Espírita, ofertadas ao público como acolhimento, esclarecimento, orientação e consolo, precisamos ter em mente que a estrutura material e logística de um congresso, seminário... envolve custos. A cobrança por ingressos e inscrições não estão vedadas, de

“A consequência inevitável disto é absoluta impossibilidade de o Centro Espírita estabelecer uma comparação justa e ética entre os livros, preços e condições de pagamentos oferecidos pela federativa à qual são adesos e as obras e condições oferecidas por uma distribuidora empresarial. (...)”

modo algum; seja para permitir que o evento seja realizado com frequência e qualidade, seja para conscientizar pedagogicamente os adeptos da necessidade de participarem, também sob o aspecto financeiro, do cumprimento da divulgação do Espiritismo.

Diga-se mais: se tais eventos forem capazes de gerar receitas que auxiliem nas atividades das instituições espíritas e órgãos de unificação que os promovem, é excelente que isto se faça, potencializando os meios de divulgação e as ações de unificação.

Não se trata de “mercantilismo da fé” ou “elitização do Espiritismo”, como as visões mais superficiais e apressadas poderiam concluir. O acesso ao Centro Espírita e às suas atividades é inteiramente gratuito e o proveito dos eventos sempre pode ser obtido por quem não possa custear diretamente a sua participação (cotização dos confrades, promoções através da comercialização de publicações espíritas idôneas, transmissões online com acesso gratuito e universal e muitos outros meios). Cuida-se, isto sim, de reeditarmos o modo de convivência e sustentabilidade da primeira comunidade cristã, em que os que mais podiam proviam as necessidades dos de-

mais e da própria comunidade no cumprimento de sua missão. São muitas as máscaras por detrás das quais jazem o nosso egoísmo, a nossa avareza ou a nossa preguiça, razão pela qual devemos refletir, antes de apresentarmos críticas vorazes e levianas à organização de eventos espíritas que pedem contribuições de seus inscritos/participantes, se fizemos tudo quanto nos cabe para auxiliar na sustentabilidade do próprio evento, daqueles que precisarão de auxílio para frequentá-lo e da instituição que o está promovendo.

Muitos são, ainda, os prismas de sustentabilidade econômica e financeira a serem objetos de diálogo ponderado, paciente e maduro em nosso meio. Tratemos destas questões com assertividade, mas com a necessária serenidade e compreensão, buscando avançar sem fraturarmos nossas relações ou anatematizarmos uns aos outros. É questão que demanda bom senso, profundidade de reflexão e encaminhamento tal como orienta Bezerra de Menezes nos temas de unificação: de modo urgente, mas não apressado.

Passemos, por fim, à análise da sustentabilidade espiritual no Movimento Espírita, aspecto que orienta e norteia todos os demais prismas de sustentabilidade que estamos abordando.



Sustentabilidade espiritual:



O ponto de vista sob o qual devemos analisar a realidade e nos conduzirmos diante dela deve, necessariamente, ser o do Espírito. Sob esta lente, com este paradigma, seremos capazes de trilhar no âmbito das tarefas e instituições que integram o Movimento Espírita compreendendo a relevância da vida material como meio e a conquista dos tesouros espirituais como objetivo de nossas existências.

Retomando o conceito de sustentabilidade e sedimentando-o como o conjunto de ações envidadas no presente de modo a não comprometer – e mesmo a preparar adequadamente – o futuro, perceberemos que o estabelecimento de “parcerias” espirituais tem estreita implicação com o cumprimento de nossa Missão em bases sustentáveis.

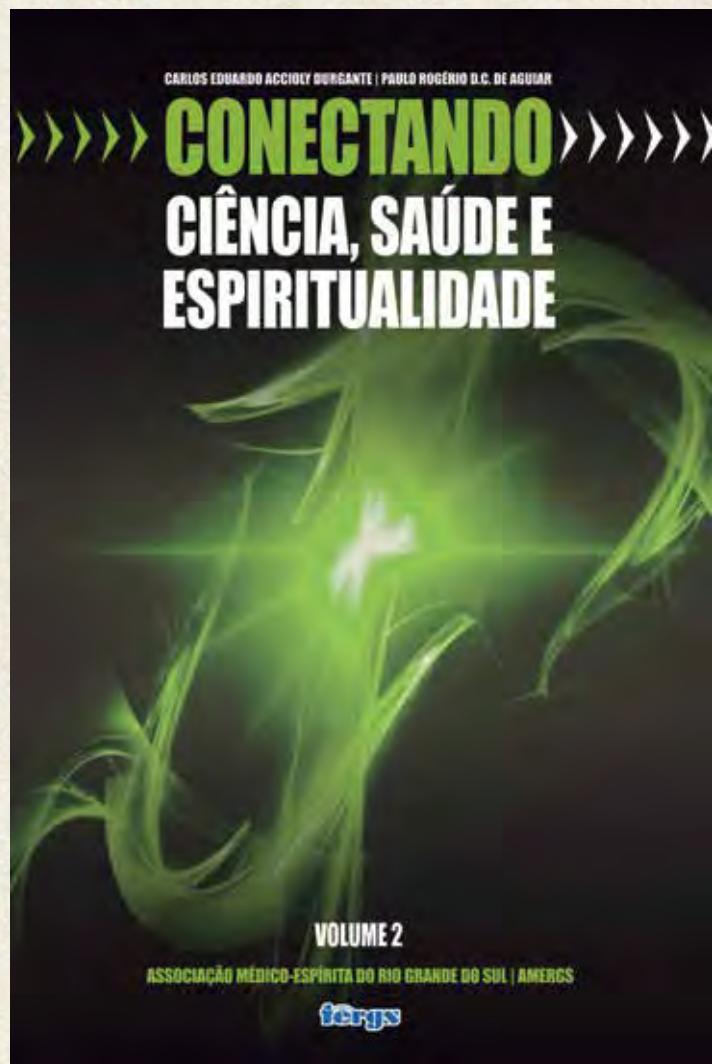
Assim, quando falamos em sustentabilidade espiritual estamos buscando o estabelecimento de uma conduta individual e coletiva que nos permita a companhia, a confiança e o investimento dos Espíritos Benfeiteiros, que verdadeiramen-

te dirigem o Movimento Espírita, sob as orientações do Governador Espiritual do Orbe – Jesus.

A própria condição de Espíritos encarnados se traduz em redução de percepção da realidade e restrição da visão da realidade como um todo, razão pela qual, embora beneficiados pelo véu do esquecimento e pelo amparo de Espíritos amigos, resvalamos em nossos antigos vícios e fracassamos ante os planejamentos reencarnatórios. Em sendo assim, é indispensável o exercício de humildade e sintonia que nos permita absorver permanentemente dos bons Espíritos as intuições, inspirações, orientações e advertências capazes de atribuir êxito ao desempenho de nossas funções e encargos.

Não são poucas e permanecem atuais as situações em que verificamos seareiros com bom potencial de trabalho, dirigentes espíritas e colaboradores em geral sob a injunção de processos obsessivos – muitas vezes sutis, mas graves e deveras prejudiciais às instituições, aos objetivos nobres que nutrimos. São quedas rumorosas ou

tragédias silenciosas, oriundas da invigilância, das fascinações oportunizadas pela vaidade e pela cumplicidade – mais ou menos consciente – que estabelecemos com Espíritos enfermos, obstinados em deter o avanço do Espiritismo na Terra.



Não devemos desconsiderar as fragilidades que todos ostentamos e a necessidade de nos mantermos unidos e atentos às influências que possam comprometer nossas tarefas, nossas mentes, nossos corações e nossos relacionamentos como irmãos que somos.

O autor Sérgio Lopes, na obra Conectando Ciência Saúde e Espiritualidade, Volume II, capítulo 10, destaca que,

[...] a obsessão dos nossos dias é a fascinação.
[...] O grande risco nesse tipo de obsessão é que a pessoa não se dá conta de que está obsidiada, exatamente porque não sofre de imediato nenhum desconforto, pelo contrário, sente-se ótima, enxergando os outros como os “errados”, julgando-se a certa, a correta. Se for advertida de sua conduta extravagante ou equivocada, irrita-se e logo briga com os demais, ficando isolada, mas sempre julgando-se com a razão. O orgulho e a vaidade são o pano de fundo para esse tipo de perturbação. É dos mais sérios, porque na subjugação, o indivíduo se vê sofrendo e, por isso, busca ajuda. Na fascinação, ele não se sente mal, ao contrário, sente-se poderoso e o senhor da verdade.

[...] Em nosso meio Espírita temos visto, infelizmente, indivíduos de valiosa capacidade intelectual, que por certo reencarnaram para fortalecer esse ideal de amor na Terra, fomentando divisões baseadas em pontos que são detalhes menores diante do objetivo maior da tarefa de crescimento que se impõe urgente. Precisamos suspeitar do processo obsessivo de fascinação todas as vezes que uma pessoa cria um movimento próprio em torno do seu nome pessoal, ou quando um grupo de indivíduos se aparta e gera um movimento isolado que não fortalece a proposta maior. A vaidade intelectual deleita-se em si mesma, não percebendo que está sendo usada pelo plano inferior no sentido de permanecer isolada, no falso ar-

gumento de que no grupo comum as pessoas são limitadas ou atrasadas. “Carreira solo” em matéria de espiritualidade é sempre um risco enorme, por isso temos que suspeitar dessas iniciativas individuais que não somam aos esforços dos grupos já existentes.

Esclarece O Evangelho Segundo o Espiritismo (Cap. XXVII, item 2) que:

os maus espíritos são estão aonde podem satisfazer a sua perversidade. Para afastá-los, não basta pedir, nem mesmo ordenar que se retirem: é necessário eliminar em nós aquilo que os atrai.

Reiterando a orientação, O Livro dos Espíritos, em sua questão de número 469, assim esclarece:

469. Por que meio se pode neutralizar a influência dos maus Espíritos?

Fazendo o bem e colocando toda a vossa confiança em Deus, repe-lis a influência dos espíritos inferiores e destruí o império que desejam ter sobre vós.

Quando nos fazemos dignos do amparo e investimento da espiritualidade benfazeja estamos agindo de modo sustentável, semeando no presente as bases de um futuro feliz para nós e para todos aqueles que irão sorver os frutos de nossas tarefas, dessedentando-se na fonte do Espiritismo.

De outro lado, quando nos associamos a mentes infelizes, dando vazão à cólera, ao personalismo, às discussões estéreis e à busca de notoriedade em detrimento dos resultados necessários do trabalho que fazemos, estamos colocando em risco as nossas trajetórias espirituais e as instituições em que servimos. Não raras vezes, temos vislumbrado trabalhadores bastante intelectualizados movendo a enxada contra o seu Senhor, vulnerando a “Missão do Homem

Inteligente na Terra”; noutras feitas, são os que tumultuam, criticam cegamente, desmobilizam e desanimam os que estão efetivamente trabalhando pelo bem.

O próprio Allan Kardec foi advertido pelo Espírito de Verdade sobre o risco que corria de vulnerar o seu trabalho pelas companhias espirituais atraídas pelos propósitos e sentimentos por ele nutridos:

[...] fostes escolhidos para serdes o espelho que deve receber e refletir a luz divina, que deve iluminar a Terra, (...) – Descei aos vosso corações, sondai-lhes os mais íntimos refolhos e expulsai com energia as más paixões que nos afastam, senão, retirai-vos, antes de comprometerdes os trabalhos de vossos irmãos pela vossa presença ou a dos Espíritos que tráreis convosco [...]” (Revista Espírita, Abril/1860)

Logo, devem estar em nossa pauta diária de sustentabilidade espiritual: a) a prece, como mecanismo de sintonia com o Alto, profilaxia obsessiva e higienização de nossa psicosfera; b) a meditação e a reflexão, como meios para o autoconhecimento, permitindo-nos revisitar sempre o móvel de nossas ações, as nossas motivações mais íntimas: assim saberemos a quem servimos, por qual motivo servimos e com que propósito servimos; c) o exercício salutar da mediunidade com Jesus, quando ele se oportunizar em nossa caminhada, propiciando-nos o contato mais estreito com a realidade espiritual e a parceria de trabalho com os Seareiros do Cristo; d) o cultivo das amizades sinceras e a receptividade à avaliação trazida por nossos irmãos de caminhada e companheiros de fileira: o isolamento e o orgulho são feridas prontas a infectarem pela ação prejudicial de Espíritos enfermos; e) o trabalho diuturno no bem, sem medir esforços, sem impor condições, sem contabilizar escolhos: a caridade nos fará espiritualmente saudáveis e nos trará alegrias tão expressivas e genuínas que seremos capazes de enfrentar todas as lutas, tocados pela

Paz do Cristo, como os primeiros cristãos que desciam ao circo “ébrios de esperança”.

Indagou Kardec aos Benefitores da humanidade (O Livro dos Espíritos, questão de número 459): Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? E a resposta foi grave e esclarecedora: Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.

Se queremos caminhar para Deus, seguindo os passos do Cristo, estabelecendo o seu Reino em nossos corações e em nossa morada, saibamos ser dirigidos, humildemente, pelos Espíritos superiores, que hão de encontrar em nós as disposições sinceras de servirmos e amarmos e de sermos fiéis no muito e no pouco.

Assim como, no dizer de Léon Denis (No Invisível), *o Espiritismo será o que dele fizerem os homens*,

podemos afirmar que o Movimento Espírita será o que dele fizermos, cabendo-nos honrar o legado dos baluartes que nos antecederam nesta fileira sagrada e trabalhar por eles, pelo ideal e pelos que nos sucederão, para que esta organização humana planejada pelo próprio Cristo e confiada a Ismael, confirme a sua humanidade e atinja a divindade de seus propósitos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Teixeira, Cícero Marcos, Psicosfera, Ed. FERGS, 1^a ed. Porto Alegre, 2014
2. Autores Diversos, Conectando Ciência, Saúde e Espiritualidade, vol II. Ed. FERGS, 1^a Ed, Porto Alegre, 2014
3. Autores Diversos, Casas Espíritas e Preservação Ambiental, 1^a Ed. Editora FERGS
4. Campos, Humberto de, Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho,
5. Dias, Haroldo Dutra, O Novo Testamento, 1^a Ed., CEI, Brasília, DF 2010.
6. Xavier, Francisco C., Caminho Verdade e Vida, Emmanuel, Ed. FEB,
7. Xavier, Francisco C. Emmanuel 20^a Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1999
8. Xavier, Francisco C., Plantão de Respostas, Pinga Fogo extraído do site <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/chicoxavier/plantaoderespostas.pdf>, em janeiro de 2014
9. Kardec, Allan, Obras Póstumas, Ed. FEB
10. Kardec, Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo, edição histórica, Ed. FEB/FERGS, 131^a edição, 9^a reimpressão, 2013
11. Kardec, Allan, O Livro dos Espíritos, Ed. FEB
12. Kardec, Allan, A Gênese, Ed. FEB
13. Franco, Divaldo P., Dias Gloriosos, Joanna de Ângelis, 1^a Ed. LEAL, Salvador - Bahia, 1999
14. Franco, Divaldo P., Amanhecer de uma Nova Era, Manoel Philomeno de Miranda, LEAL, Salvador - Bahia, 2012
15. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade> pagina visitada em 02/10/2014
16. <http://www.significados.com.br/etica-e-moral/> em janeiro de 2014.

Necessário e Dispensável

O consumismo atual responde por muitos problemas. As indústrias do supérfluo apresentam no mercado da vacuidade um sem-número de produtos desnecessários, que aturdem os indivíduos. Estimulados pela propaganda bem elaborada, desejam comprar, mesmo sem poder, o que vêem, o que lhes é apresentado, numa volúpia crescente. Objetos e máquinas que são o último modelo, em pouco tempo passam para o penúltimo lugar, até ficarem esquecidos em armários ou depósitos de coisas sem valor. No entanto, se não fossem adquiridos, naquela ocasião, a vida perderia o sentido para quem os não comprasse. Consumismo é fantasia, transferência do necessário para o secundário. O consumidor que não reflete antes de adquirir, termina consumido pelas dívidas que o atormentam.

*

Muita gente faz compras, por mecanismos de evasão. Insatisfeitas consigo mesmas, fogem adquirindo coisas mortas, e mais se perturbando. Enquanto grande número de indivíduos se afogam no oceano do supérfluo, multidões inteiras não possuem o indispensável para uma vida digna. Abarrotados, uns, com coisas nenhumas, e outros vitimados por terrível escassez. São os paradoxos do século e do comportamento materialista utilitarista da atualidade.

*

Confere a necessidade legítima, antes de te permitires o consumismo. Coisas de fora não equacionam estados íntimos. Distraem a tensão por um momento, sem que operem real modificação interior. Quando o excesso te visite, reparte-o com a escassez ao teu lado. Controla e dirige a tua vontade, a fim de não seres uma vítima a mais do tormento consumista.

Divaldo Pereira Franco - Episódios Diários
Pelo Espírito Joanna de Ângelis



Tendência do compartilhamento e o impacto nas questões éticas e econômicas à luz da Doutrina Espírita

“Pois qual dentre vós, querendo edificar uma torre, não calcula primeiro, sentado, a despesa; se tem {os meios} para concluir?”

Mateus 14:28 (tradução Haroldo D. Dias)

ANTÔNIO AUGUSTO CHAVES DO NASCIMENTO

Presidente do Grupo Espírita Seara do Mestre - Santo Ângelo/RS

Mais do que em qualquer época, o gestor¹ atual deve identificar e compreender os desafios do contexto em que se encontra. A sociedade moderna tem entre uma de suas características, além do acesso massificado à informação pela internet, agora com a sua popularização em dispositivos móveis, a grande velocidade na mudança nos paradigmas sociais e econômicos, fato que tem levado rapidamente ao surgimento de novos padrões de comportamento dos indivíduos.

Verifica-se que muitos gestores têm dificuldade em acompanhar essas mudanças e, ao serem confrontados por estes desafios modernos, tentam utilizar soluções do passado, que já não se mostram eficazes atualmente, pois o panorama mudou rápida e radicalmente.

É preciso lembrar que nenhum Centro Espírita sobrevive sem sustentabilidade² e, para isso, precisamos estar atentos aos recursos que são necessários, sejam eles humanos, financeiros ou ambientais. Portanto, é fundamental que se planeje a continuidade operacional do Centro Espírita conforme a estrutura que se tem hoje, construída pelo esforço e a dedicação de nobres companheiros que, ao longo do tempo, fizeram o seu melhor com os recursos que tinham à disposição. É parte importante do encargo do dirigente espírita a visão de futuro, que deve levar ao planejamento e a iniciar a execução das atividades pretendidas desde já, visando cumprir adequadamente com o compromisso de consolar e esclarecer a multidão crescente de almas que buscam o Consolador Prometido.

As dificuldades econômico-financeiras costumam estimular a criatividade de muitos gestores quando se buscam meios para aumentar a arrecadação. Geralmente, as principais fontes de receitas são as mensalidades dos associados, doações, eventos, campanhas, comercialização de livros e bazares. Ainda são poucos os que captam recursos públicos através da destinação de parte do imposto de renda através do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e de outros programas como a Nota Fiscal Gaúcha <https://sld.sefaz.rs.gov.br/Paginas/index.aspx> e/ou privados, por meio de projetos sociais submetidos às organizações de fomento nacionais e internacionais.

O desafio, então, não é saber ‘o que’ anegriar, mas ‘como’, respeitando-se os princípios éticos abraçados pela instituição, que derivam diretamente da moral espírita e que se constitui no nosso grande diferencial, num momento em que muitos mercadejam com a religiosidade e com a mensagem cristã.

Se já observamos Centros Espíritas que contam com dirigentes muito bem preparados e que se esforçam para oferecer uma administração competente, pautada na ética e voltada para a sustentabilidade da instituição, temos também pessoas que foram conduzidas à função administrativa apresentando inadequações de diferentes naturezas.



Ainda ocorrem situações em que a Casa Espírita definha pela falta de planejamento, personalismo, ausência de preparo para a sucessão e problemas diversos de gestão, incluindo-se a escassez de recursos financeiros. Mas esse não é um problema novo e nem exclusivo das Instituições Espíritas. Qualquer organização pode sucumbir diante de obstáculos mais complexos do que seus gestores poderiam imaginar. O que se deve evitar é a postura simplista de se supor que o auxílio espiritual suprirá o comodismo e a falta de preparo de alguns gestores. Espíritos superiores ajudam quem se esforça para ser ajudado. Só a boa vontade não mantém o Centro organizado e funcionando, pois se assim fosse alguns não enfrentariam dificuldades e, em casos extremos, chegando a encerrar as atividades.

Os problemas financeiros estarão presentes nos Centros Espíritas que comprometerem grande parcela de seu orçamento com as despesas fixas, sem muita margem de segurança para absorver eventuais variações negativas no caixa. É muito comum a queda de receita no início do ano, devido ao período de férias e menor frequência de público nas Casas Espíritas. As despesas fixas (aluguel, salários, tributos trabalhistas, contas de água, luz e telefone) independem da quantidade de frequentadores e devem ser pagas pontualmente, sendo imprescindível que se tenha provisões para esses períodos. O ideal é que a tesouraria do Centro Espírita tenha uma reserva financeira, em aplicação segura e com liquidez imediata, equivalente ao necessário para custear todas as despesas durante pelo menos seis meses, sem que se conte com nenhuma receita a receber.

Não se podem desenvolver atividades que não se tenham recursos previstos para cobri-las, ainda que isso implique reduzir o volume ou a frequência de algumas dessas atividades. A caridade é caracterizada pela ação responsável e não pela atitude imprevidente.

O próprio Codificador deixou importante recomendação aos espíritas em Obras Póstumas, cap. IX (Vias e Meios), segunda parte, p. 372:

"Imaginar que ainda estamos nos tempos em que alguns apóstolos podiam pôr-se a caminho com um bastão de viagem, sem cogitarem de saber onde pousariam, nem do que comeriam, fora alimentar uma ilusão que bem depressa amarga decepção destruiria. Para alguém fazer qualquer coisa de sério, tem que se submeter às necessidades impostas pelos costumes da época em que vive e essas necessidades são muito diversas das dos tempos da vida patriarcal. O próprio interesse do Espiritismo exige, pois que se apreciem os meios de ação, para não ser forçoso parar no meio do caminho."



A estrutura proposta por Allan Kardec – educação, assistência e divulgação – inspirou o modelo seguido pela maioria dos Centros Espíritas brasileiros. Igualmente, o papel que o Codificador desenhou para a Comissão Central, em seu Projeto de 1868, influenciou a estruturação das Entidades Federativas no Movimento Espírita, prevendo, inclusive, diversos mecanismos de governança para a Comissão Central. Por exemplo, os congressos e encontros dos espíritas deveriam proporcionar um ambiente para a reflexão crítica e para a tomada de decisões sobre os caminhos do



próprio Movimento Espírita e suas organizações. Uma das preocupações de Kardec era a união entre os diversos grupos espíritas, por meio do alinhamento conceitual doutrinário. Em muitos Centros Espíritas o modelo tradicional estimula a assistência social e espiritual, mas a quantidade de pessoas que permanece na instituição para estudar e trabalhar não é grande, sugerindo que os fatores de atração devem ser repensados.

Uma forma muito eficaz e eficiente de educação e divulgação do Espiritismo, que também proporciona a arrecadação de recursos éticos para a manutenção do Centro Espírita é através da comercialização do livro espírita. Ainda que devamos estar atentos a uma questão crítica: há uma enxurrada de autores e obras superficiais, que competem com os trabalhos que se propõem a um desenvolvimento doutrinário consistente. Agrava-se o problema quando textos espiritualistas, mas que não são espíritas, invadem as prateleiras das livrarias de alguns Centros Espíritas, porque priorizou-se o apelo comercial. Isso confunde o leitor que acredita que todos os livros oferecidos numa livraria espírita são coerentes com os princípios doutrinários. Cabe aos administradores de livrarias a seleção dos títulos e autores a serem oferecidos. Bons livros são aqueles que favorecem a ampliação e consolidação do conhecimento doutrinário de forma clara e objetiva, sem misticismo, estimulando o leitor a se autodescobrir como Espírito imortal e a compreender as leis morais que nos impulsionam a progredir através da educação dos sentimentos e do aprimoramento intelectual,

Para atingirmos esse objetivo, a divulgação dos livros espíritas através de um Clube do Livro é uma ferramenta que não deveremos desconsiderar, pois conseguimos alcançar essa meta e promovemos a arrecadação mensal de recursos éticos para a sustentabilidade dos propósitos do Centro Espírita, ao mesmo tempo em que estamos usando nossa energia numa atividade útil.

O Clube do Livro Espírita é um conjunto de associados com objetivos comuns: fomentar a leitura regular de livros espíritas, com obras variadas e coerentes com a Doutrina Espírita, diminuindo seu custo de aquisição e, ao mesmo tempo, proporcionando renda para manutenção das atividades dos Centros Espíritas.

É comum ouvirmos divulgadores da literatura espírita afirmarem que em sua cidade não há necessidade de um Clube do Livro Espírita por já possuírem uma boa estrutura na divulgação de Livros Espíritas. Uma parte do público atingido pelo Clube do Livro é um pouco diferente do público da Feira, do público da Livraria, do público do Centro Espírita. Sem o Clube do Livro, uma grande fatia dos interessados na literatura espírita não será atingida. A prática tem mostrado que parte dos sócios dos Clubes já existentes não é somente de frequentadores das Casas Espíritas. São simpatizantes ou da Doutrina ou da literatura espírita, mas não se consideram espíritas. Por isso não participam dos trabalhos do Centro, nem mesmo da Feira do Livro. Qual é a melhor forma para que todo este público alvo em potencial continue mantendo contato com a literatura espírita? Sem dúvida alguma é o Clube do Livro.

Após termos chegado a esta conclusão pelos estudos sobre o tema, decidimos por iniciar um Clube do Livro no G. E. Seara do Mestre, em julho de 2010 e, em virtude da solicitação de duas amigas e companheiras de ideal, a Marileda Mânicia, da S. E de Auxílio e Fraternidade (Ijuí) e a Marlise Wiedthauper, da S. E. Francisco de Assis (Três Passos), o fizemos em forma de parceria, encomendando 150 livros que dividimos dentro das expectativas de captação de sócios de cada cidade. Iniciamos a apresentação da proposta aos prováveis interessados e como os resultados foram excelentes, superando todas as nossas expectativas mais otimistas, logo outras Casas Espíritas do CRE8 consultaram para participar como clubes associados.

Estruturamos um regulamento básico e os formulários de adesão para os sócios, que são adaptados a cada núcleo parceiro e que podem ser visualizados no link a seguir: <http://seara-domestre.com.br/clube-do-livro/>. Onde também consta a capa de todos os livros já distribuídos e os já adquiridos para os próximos meses.

Para melhor organização, decidimos conjuntamente que o GESM encarregar-se-ia da administração geral, analisando as obras, adquirindo os livros junto às editoras, assumindo os encargos financeiros com o correspondente capital de giro necessário e fazendo distribuição dos livros aos núcleos associados, que ficam com o superávit das suas vendas, descontando-se os custos de aquisição, frete e administrativo, pagos ao GESM somente após a entrega dos livros e o recebimento da mensalidade dos seus sócios, numa adaptação do modelo utilizado pelo Clube do Livro Espírita do Brasil: <http://www.clubedolivroespírita.com/>.

Observamos que havia um desconhecimento do potencial de distribuição de livros espíritas através dos clubes de livros, por isso compartilhamos nossos resultados com diversos companheiros espíritas de várias cidades, estimulando-os a iniciarem os seus próprios clubes e/ou oferecendo a nossa experiência para compartilhamento, já que não há um número mínimo de sócios para a adesão como núcleo parceiro, que também não precisa comprometer os seus recursos com capital de giro para a aquisição antecipada dos mesmos, somente agregando ao seu Centro Espírita o superávit correspondente ao número de livros entregues e que será diretamente proporcional ao potencial da população na zona de abrangência do Centro Espírita parceiro e ao empenho dos trabalhadores vinculados ao processo de divulgação, controle das assinaturas e entrega dos livros.



Rua 7 de Setembro, 547 – Santo Ângelo/RS
Fone: (55) 3313 - 2553



GESM
Grupo Espírita Seara do Mestre

*10 Motivos para
fazer parte do*

CLUBE do LIVRO

- 1. Bons livros são boas companhias
- 2. Ampliar o seu conhecimento
- 3. Exercitar a mente positivamente
- 4. Leituras construtivas ajudam a rever conceitos
- 5. Melhorar as suas companhias espirituais
- 6. Ter acesso a livros com bom embasamento doutrinário
- 7. Adquirir excelentes obras por preços acessíveis
- 8. Garantir uma boa leitura mensalmente
- 9. Presentear alguém com o livro que não é seu estilo
- 10. Auxiliar financeiramente sua Casa Espírita

Para participar, verifique se o Centro Espírita em que participa faz parte da parceria do Clube do Livro ou contate-nos

Somos um Núcleo parceiro do Clube do Livro







www.searadomestre.com.br

Em quase cinco anos de trabalho com o Clube do Livro na forma de compartilhamento com os núcleos parceiros do GESM, atingimos mais de 4.000 sócios em cerca de 100 Centros Espíritas do RS e SC, que entregam, mensalmente, livros para 3.500 adultos, 500 crianças e, bimestralmente, para 200 jovens. O que já possibilitou distribuirmos cerca de 150.000 livros e a arrecadação de mais de setecentos e cinquenta mil reais de superávit entre os parceiros. Além de termos estabelecido proficia parceria com a Editora Francisco Spinnelli, da FERGS, para a aquisição das obras editadas, que já são impressas em uma tiragem inicial

significativamente mais elevada, proporcionando uma diminuição do custo final por exemplar e garantindo antecipadamente a lucratividade do lançamento, com a venda de grande parte dos livros ao Clube do Livro.

Um dos receios dos gestores em iniciar o Clube do Livro refere-se a possível competição com os livros da livraria do Centro Espírita, como ocorreu com nosso confrade Mauro Pretto, administrador na S. E. Irmãos de Boa Vontade (Santo Ângelo) <https://www.facebook.com/pages/Sociedade-Esp%C3%A3rita-Irm%C3%A3os-de-Boa-Vontade/363913923751550>, que venceu a indecisão

inicial e apostou na parceria. Organizado e com dados minuciosamente apontados, ele relatou-nos, após 18 meses do início do Clube do Livro em sua instituição, que além de ter conseguido um número inesperado de sócios, inclusive com alguns não frequentadores da Casa Espírita, a venda da livraria havia aumentado em torno de 60%. Ao que lhe perguntamos: - "Mauro, a que atribuis isso?". E ele, com convicção, respondeu-nos: - "Ao Clube do Livro, pois com livros todos os meses as pessoas adquiriram o hábito da leitura regular e assim que terminam o livro do clube, procuram outros para ler".

Apoiados em nossa experiência prática, com resultados consolidados e crescentes, sugerimos a fundação de um Clube do Livro Espírita em sua cidade ou Centro Espírita no qual participe. Caso não lhe seja possível, estude a possibilidade de estabelecer uma parceria com os Clubes do Livro já existentes, que vão transferir a sua experiência e

auxiliá-lo nessa importante tarefa de divulgação do Espiritismo, educação de almas e sustentabilidade ao Movimento Espírita. Contate-nos se desejar: clubedolivro@searadomestre.com.br.

1 – GESTOR: Pessoa responsável por gerir ou administrar determinado local, empresa ou qualquer ramo de negócio que exija um cargo de direção. No Movimento Espírita é aquele que foi eleito pela Assembleia Geral e tem a responsabilidade de administrar, juntamente com os demais membros da Diretoria, o Centro Espírita ou outra instituição do Movimento Federativo.

2 – SUSTENTABILIDADE: sustentabilidade é um conceito sistêmico; relacionado com a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana.



A woman with long brown hair and green eyes, wearing a white t-shirt, is smiling and holding a clear glass of water up towards the camera. She is wearing a white glove on her right hand, which is holding the glass. The background is a plain, light color.

MARTA SILVA NEVES

Pedagoga e coordenadora do Programa Saber Ambiental FERGS

ÁGUA: fonte de saúde e vida

O primeiro documento da ONU (Organização das Nações Unidas), o relatório **Nosso Futuro Comum**, apresentou a expressão **desenvolvimento sustentável**, como aquele que garante as melhores condições de vida das gerações futuras. Ele simplesmente não acontecerá se nossos netos e bisnetos tiverem sua saúde prejudicada por efeitos da escassez de recursos naturais e das mudanças climáticas. Para tal, considera-se então, não só a esperança de vida ao nascer, mas o direito de viver em um planeta saudável.

Não é nenhuma novidade que o atual modelo de desenvolvimento econômico emite mais gases de efeito estufado que a Terra é capaz de absorver, degrada os ambientes naturais em ritmo acelerado, lança poluentes tóxicos no ar, desgasta a fertilidade do solo e reduz a qualidade e a disponibilidade de água, entre outras graves externalidades, isto é, efeitos colaterais, que aumentam exponencialmente o risco de doenças e os prejuízos à qualidade de vida das pessoas e de todos os seres que habitam essa casa planetária.

Dados preocupantes expressam o quadro resultante do aquecimento global, tais como: um quarto da população global de 7 bilhões de pessoas é composta de indivíduos muito pobres, exatamente aqueles que têm mais dificuldade de acesso a saneamento básico, água potável e saúde pública, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Segundo o relatório *Progress on Drinking Water and Sanitation 2012*, publicado pelo **Programa de Monitorização Conjunta da OMS/UNICEF para o Abastecimento de Água e o Saneamento**, pelo menos 11% da população mundial – 783 milhões de pessoas – continuam a não ter acesso à água potável segura.

Já no Brasil, segundo publicação da **Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa** (Interfarma) falta acesso às condições básicas – 19% da população não têm água potável e 58% não têm esgoto coletado.

Portanto, a saúde das pessoas depende da saúde do planeta; pressupõe não apenas dimensão física, mas também a ambiental, a mental, a emocional. Decorre de uma maior interação do homem com a natureza e seus elementos. Envolve responsabilidades compartilhadas entre todos os indivíduos e todos os setores que integram a sociedade.

Essa era em que vivemos ensina-nos a existirmos em interdependência, então escolhas individuais, políticas públicas e decisões organizacionais impactam não apenas a saúde do indivíduo, mas das sociedades e do planeta.

Para isso, é fundamental educar-nos para um sistema de vida duradouro e sustentável, capacitando nossas atitudes e as das futuras gerações. E nesse aspecto, os Centros Espíritas têm papel fundamental, considerando que cada uma dessas instituições possui grande influência como formadoras de opinião e na adoção de novas atitudes. É urgente a reflexão e a compreensão das Leis de Conservação e de Destrução, como adequação à proposta da lei divina, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência alinhada com o estágio de Mundo Regenerador.

Necessitamos identificar e impulsionar as potencialidades econômicas, científicas e espirituais atuais e dos espíritos que estão reencarnando, fortalecendo mobilizações em prol da qualidade de vida.

10 DICAS PARA ECONOMIA DA ÁGUA

1. REUTILIZE A ÁGUA ENSABOADA DA MÁQUINA DE LAVAR OU DO TANQUE

Basta redirecionar a mangueira por onde sai essa água, reutilizando na lavagem de pisos e janelas, calçadas e carros, ou até mesmo no vaso sanitário.

**2. VAI LIGAR A MÁQUINA DE Lavar?
SÓ COM A CARGA MÁXIMA**

Programe-se para utilizar com inteligência toda a água demandada no processo de lavagem.

3. PARA QUE DAR TANTA DESCARGA?

Se for fazer xixi, experimente não dar descarga tão rápido. Tente fazer isso apenas no final do dia ou quando fizer o “nº 2”. Mantenha o vaso tampado (não haverá mau cheiro) e verifique como esse procedimento simples representa uma gigantesca redução no consumo de água. É bom lembrar que a água do vaso sanitário é potável, tem a mesma origem daquela que você bebe.

4. CARRO SUJO, MOTORISTA CONSCIENTE

Lavar o carro em períodos de grave estiagem é crime de lesa-cidade. Se houver a necessidade imperiosa de fazê-lo, priorize os serviços que utilizam óleos e cremes especiais que dispensam a utilização de água no processo.

5. NADA DE “DUCHA GRÁTIS” NOS POSTOS DE GASOLINA

Se o dono do posto provar que reutiliza a água tratada de esgoto ou aproveita a água de chuva para esse fim, tudo bem. Como se sabe, a água encanada que abastece os postos de gasolina é a mesma que você utiliza em casa. Não existe “ducha grátis”. Alguém sempre paga a conta.

6. VAI CHOVER? PREPARE-SE PARA A “RECARGA GRÁTIS”

Fique de olho na previsão do tempo e prepare-se com inteligência para reforçar o arsenal de coleta de água de chuva (baldes, bacias, caixa de água específica para isso etc.) para fins não nobres. Mesmo nos períodos de normalidade (no que se refere à disponibilidade hídrica), a água de chuva permite uma drástica redução no giro do reloginho das companhias de abastecimento. Faz bem para o meio ambiente e para o seu bolso.

7. BANHOS MAIS CURTOS FAZEM TODA A DIFERENÇA

É perfeitamente possível reduzir o tempo no banho sem nenhum prejuízo para a higiene pessoal. Se o banho é quente, e a água demora a aquecer, abra o chuveiro com o cuidado de posicionar um balde coletando a água fria até que a temperatura seja do seu agrado. Depois do banho, use a água do balde para qualquer outro fim ou adicione ao seu estoque doméstico de Águas de Reuso. Durante o banho, depois de molhar o corpo, feche o chuveiro e comece a se ensaboar. Depois, se for o caso, passe também xampu. Abra o chuveiro para remover a espuma e fim de papo. Parece um suplício, mas é possível tomar um banho gostoso com muito menos água.

8. OUTRO JEITO DE LAVAR LOUÇA

Que tal reduzir pela metade o consumo de água nas torneiras (cozinha, banheiros etc.) instalando redutores de vazão? No mais, tente lavar a louça sem deixar a torneira aberta o tempo todo. Existem várias técnicas interessantes que alcançam o mesmo objetivo. Tem até quem remova com folha de jornal a parte mais grossa das impurezas antes de usar água e detergente

9. Lavar calçada? LEIA ANTES!

Não use a água para substituir o que uma boa vassourada dá conta. Se o uso da água for indispensável, verifique se a mangueira tem furos, use redutor de vazão, e não perca tempo (e água) insistindo em remover detritos explorando a força do jato.



Viralize as boas práticas nas redes sociais, estimule a adoção dessas medidas em casa, no condomínio, no trabalho, no clube etc. Instrua, em particular, os dois mais importantes “gestores ambientais” das cidades: os porteiros e as empregadas domésticas. São eles que manipulam com mais intensidade a água tratada para múltiplos usos. Cidadania é atitude.

ECONOMIA DA ÁGUA

O programa Saber Ambiental FERGS, ao entender que é na educação infantil que se desenvolve a compreensão sobre como escolhas pessoais e coletivas são interdependentes e afetam os sistemas ecológicos, desenvolveu a série de livros infantis Cuide Mais, sendo o primeiro livro *Roboclável: uma história ciberlixonética* e prepara o segundo livro da série, intitulado *O espetáculo das águas*. A obra a ser lançada pela Editora Francisco Spinelli, aborda de forma lúdica e criativa a influência dos seres humanos no sistema equilibrado da natureza, no ciclo da água, ilustradas pelas atitudes dos personagens de uma cidade encantada. Fica a sugestão dessa leitura para as famílias e evangelizações!!!

Já para os Centros Espíritas, fica a sugestão da obra *Casas Espíritas e Preservação Ambiental: guia de gerenciamento de resíduos sólidos*, também publicada pela Editora Francisco Spinelli. Nesse guia, a FERGS, através do Programa Saber Ambiental, incentiva reflexões da relação Espiritismo e preservação ambiental, a aplicabilidade no dia a dia das Casas Espíritas e o impacto em prol do movimento regenerador que o planeta transita.

Boas leituras, reflexões e inspirações para atitudes mais sustentáveis!!!

Referências Bibliográficas:

1. *Casas Espíritas e Preservação Ambiental: guia de gerenciamento de resíduos sólidos*. Saber Ambiental, Ed. Francisco Spinelli, 2014.
2. *Revista Ideia Sustentável*: observatório de tendências de sustentabilidade. Oficio Plus, Comunicação e Editora Ltda., ano 10, edição 37
3. www.condominiosverdes.com.br/10-dicas-de-andre-trigueiro-para-economia-de-agua/

A cadeia do livro Espírita: editores, distribuidoras, livreiros e os princípios da Doutrina Espírita.

O livro Espírita tem hoje uma extensa lista de finalidades e atende a variados objetivos, mais ou menos nobres, mas é fundamentalmente importante para os objetivos da Doutrina Espírita.

No entanto, esta pluralidade de funções faz com que ele seja merecedor de uma análise cuidadosa, afinal, mesmo sendo comercializado, não deve ser visto como um produto qualquer.

Mas qual é a responsabilidade doutrinária e comercial dos Espíritas? E mais ainda dos que conduzem esta cadeia, composta por editores, distribuidores, livreiros e Centros Espíritas?

Primeiramente, convém depositar atenção no livro Espírita propriamente dito, afinal, nunca tivemos tantas obras consideradas “espíritas” e ocupando lugar nas Instituições Espíritas sem maiores cuidados.

Vamos nos pautar, prioritariamente, em uma contribuição do Codificador na **Revista Espírita** em maio de 1863, que já nos coloca em alerta, quando diz:

“(...) No mundo invisível como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros”.

Claramente que Allan Kardec, sem conhecer a enxurrada de livros que o mercado atual proporciona, já identificava de que existem muitos escritores, ou pessoas dispostas a escrever, mas advertia de que os bons seriam raros. Isto nos leva a uma consideração inevitável, identificar o que seria um “bom escritor Espírita”.

Podemos classificar como um bom escritor Espírita, a partir da definição oferecida pelos dicionaristas, que definem “escritor” como a pessoa que se expressa através da arte da escrita, ou tradicionalmente falando, da literatura.

Apoiados nesta afirmação, o escritor “Espírita” deve expressar-se apoiado no que ensina o Espiritismo, ou seria uma contradição.

Porém, tem início aqui nosso problema, muitos escritores escrevem sobre o que acreditam que o Espiritismo é, mas a falta de estudos e conhecimentos fazem com que muitos escrevam bem sobre o conteúdo errado...

Um bom escritor Espírita, seria aquele que ao escrever auxilia o entendimento da Doutrina Espírita, afinal, ela possui bases sólidas e clara-

mente definidas e um mau escritor Espírita seria aquele que, por meio de seu texto, dificulta ou até distorce a compreensão do que verdadeiramente ele é.

Novamente temos de Allan Kardec uma valiosa informação registrada em *Viagem Espírita* de 1862, *Instruções Particulares*, item VI, e que fornece material para a sequencia dos nossos estudos:

“É preciso que se saiba que o Espiritismo sério se faz patrono, com alegria e apreço, de toda obra **realizada com critério, qualquer que seja o país de onde provém, mas que, igualmente, repudia todas as publicações ex-cêntricas**. Todos os Espíritas que, de coração, vigiam para que a Doutrina não seja comprometida, devem, pois, **sem hesitação, denunciá-las**, tanto mais porque, se algumas delas são produtos da boa-fé, outras constituem trabalho dos próprios inimigos do Espi-

ritismo, que visam desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. Eis porque, repito, é necessário que saibamos distinguir aquilo que a Doutrina Espírita aceita daquilo que ela repudia”.

Na expressão acima, existem muitas observações necessárias, com seu grande poder de síntese, um parágrafo define toda a problemática que envolve o livro Espírita.

Entre os destaques que consideramos importantes, citamos “realizada com critério”, ou seja, tudo que é feito em nome da literatura Espírita, deve respeitar estreitos critérios.

É fácil de compreender que os critérios que a Doutrina aceita, são aqueles impressos nas obras consideradas básicas ou fundamentais para o seu entendimento e prática.

No material organizado por Allan Kardec, está a estrutura para que tenhamos capacidade de identificar o que é Doutrina Espírita, daquilo que não é. Ou nas palavras do próprio Codificador “o que a Doutrina Espírita aceita, daquilo que ela repudia”.

Certamente que sem critério, (conhecimento Espírita) ficamos impossibilitados de separar uma coisa da outra.

Está é a base de todas as obras que equivocadamente são classificadas de Espíritas, mesmo contrariando os apontamentos que os Espíritos Superiores forneceram e que foram organizados por Allan Kardec.

Com relação a como deve agir o Espírita diante dessas obras supostamente Espíritas, lemos ainda no texto acima: “... devem, pois, sem hesitação, denunciá-las, tanto mais porque, se algumas delas são produtos da boa-fé, outras constituem trabalho dos próprios inimigos do Espiritismo”, ou seja, os que conhecem o Espiritismo, não devem calar-se diante das obras que contrariam as suas bases. Sempre com seriedade e respeito, devemos denunciá-las, declarar que não são Espíritas e coibir sua divulgação, para que a mensagem equivocada não comprometa a lucidez Espírita verdadeira.

Ficamos, a partir de agora, prontos para desdobrar estas reflexões para cada elo da cadeia livreira Espírita, dividindo responsabilidades, de cada integrante e cada organização Espírita.

Editoras Espíritas

É evidente que sendo uma organização comercial, deve ver no livro Espírita um produto para ser comercializado, porém, ainda é Espírita e isso deve diferenciá-lo de um produto comum.

Allan Kardec, na **Revista Espírita** de maio de 1863, apresenta uma orientação que pode ser compreendida como sendo uma orientação direta aos editores de livros Espíritas:

(...) “Todas as precauções são poucas para evitar as **publicações lamentáveis**. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa”.

Em boa definição, devemos evitar todas as “publicações lamentáveis”, ou seja, as publicações que comprometam aos interesses do Espiritismo ou que dificultem a sua compreensão real.

Quantas não são as obras que emocionam, entretêm, mas são portadoras de um conteúdo ilusório, criando no leitor uma falsa compreensão do Espiritismo, mas são livremente editadas motivadas por uma questão: vendem muito!

Os próprios leitores Espíritas sérios, devem valorizar as editoras comprometidas com o Espiritismo e que não cedem ao apelo comercial de publicar tudo o que oferece retorno financeiro.

Lembramos novamente, que estas empresas necessitam de recursos como qualquer outra

(...) é necessário
 que saibamos dis-
 tinguir aquilo que
 a Doutrina Espírita
 aceita daquilo que
 ela repudia”.

organização, mas é certo também, que podem seguir com seus objetivos comerciais, respeitando as bases da Doutrina Espírita, para não correr o risco de comprometer o entendimento daquilo que deveriam divulgar.

O Codificador chega a solicitar o “excesso de prudência”, tal a importância de coibirmos todos os livros que apresentam supostos modismos ou trazem novidades em nome da modernidade, quando ainda não aprendemos o básico.

Claro que muito ainda falta para se aprender em Doutrina Espírita e muita coisa nova virá, porém, nada que possa comprometer o trabalho sólido que já possuímos.

Isso sem falarmos nos livros que nascem da transcrição de outros, são autores que juntam partes de obras de outros autores e acrescentam o próprio nome com a bandeira: lançamento!

Uma editora Espírita que edite e comercialize livros sem análise de conteúdo ficando sem fidelidade doutrinária é semelhante a um posto de gasolina que adultera o combustível que vende ou comerciante de produtos falsificados.

Jesus, que nos ensinava a tomar cuidados para não “pecar” pelo pensamento, o que diria quando o pensamento equivocado dos que estudam pouco, fica registrado e comercializado sem critério?

Distribuidores

Outro elo dessa cadeia são os Distribuidores, que intermedian a relação entre as editoras e as livrarias e Centros Espíritas. Certamente que todas as observações feitas às editoras, servem com todos os detalhes aos Distribuidores, afinal, se se intitulam Espíritas, devem ter compromisso com o Espiritismo.

Lembremos que Allan Kardec, como toda a sua obra, foram marcados pelo bom senso e pela razão, e dessa forma, nem pensamos na possibilidade de abrirmos espaço para pensar diferente disso.

Por uma questão de honestidade moral, as Distribuidoras de livros que desejam comercializar todas as obras disponíveis, sem distinção, apenas não se devem chamar de Espíritas, mas apenas Distribuidoras comerciais, o que seria mais justo.

Lembramos que o mercado literário Espírita é crescente e hoje as pessoas de inúmeras religiões leem nossos livros, o que proporciona que os Distribuidores honestos com a causa Espírita, possam desempenhar suas funções, cumplicados com a mensagem lúcida e esclarecedora do Espiritismo.

Ficaríamos assustados com um distribuidor de produtos estragados, pelos males que ele pode causar aos que consumirem, o que pensar dos produtos que podem iludir a alma e comprometer o entendimento da realidade espiritual?



Livreiros e Centros Espíritas

Dividimos o título acima em Livreiros e Centros Espíritas, por que muitas Casas Espíritas possuem livrarias nas suas dependências, para atender aos seus leitores frequentadores.

Relembramos que todas as observações aos livreiros, são por serem classificados como “Espíritas”, esse é sempre o elemento que estabelece vínculo de obrigação moral com a Doutrina Espírita.

Quando um leitor adquire um livro no Centro Espírita ou numa Livraria Espírita, ele segue com a certeza de estar levando uma obra segura, e que seu conteúdo é verdadeiramente Espírita.

São informações que vão lhe influenciar a vida e auxiliar na resolução de seus problemas e muitas vezes, construir nele a base para a sua crença na realidade espiritual.

Muitas vezes, os responsáveis por estas livrarias alegam, equivocadamente, que o livro é Espírita por ter sido escrito, ou ditado por um Espírito. Porém, uma obra ser psicografada não garante em nada que ela seja Espírita, é no máximo mediúnica, mas não Espírita.

Como a mediunidade não é exclusividade do Espiritismo, um Espírito não Espírita pode, perfeitamente, ditar suas ideias a um médium, sem nenhum compromisso com o Espiritismo, afinal, existem Espíritos mais ignorantes e moralmente atrasados que muitos encarnados.

Somente o estudo da Doutrina Espírita pode capacitar alguém para definir se uma obra é ou não Espírita, mesmo que venha por meio de um médium conhecido e de muitas obras.

Defendemos novamente nossas ideias, pelas orientações de Allan Kardec, na Revista Espírita em maio de 1863:

“Por ai pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se quiser atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo”.

São incontáveis as observações a cerca dos cuidados que devemos ter com as informações que faremos chegar até os nossos leitores, porém, ao ler o Espírito Erasto na Revista Espírita de dezembro de 1863, temos dilatada nossa preocupação:

“É urgente que vos ponhais em guarda contra todas as publicações de origem suspeita, que parecem, ou vão parecer contrárias a todas as que não tiverem uma atitude franca e clara, e tende como

certo que muitas são elaboradas nos campos inimigos do mundo visível ou no invisível, visando a lançar entre vós os fachos da discordia. Cabe-vos não vos deixar apanhar. Tende todos os elementos necessários para as apreciar”.

É evidente que esses “elementos necessários” são as informações já apresentadas no processo de estruturação do Espiritismo deixadas por Kardec e os que lhe auxiliaram naquele processo.

Alguns vão dizer que somos intransigentes ou mesmo fanáticos, contudo, somente os Espíritas sérios sabem que a grandeza dos apontamentos de Allan Kardec são tão amplos que serão sempre atuais, afinal foram recebidos por Espíritos que estão em muito a nossa frente, e fica dessa forma a certeza de que os que levantam a bandeira da fidelidade doutrinária, se sentirão seguros de agir assim ao lerem do Codificador o que está registrado na Revista Espírita de novembro de 1858:

“Há polêmica e polêmica; e há uma diante da qual não recuaremos jamais, que é a discussão séria dos princípios que professamos.”



Clube do Livro Espírita

O Clube do Livro é uma ferramenta fundamental para a ampliação do hábito da leitura Espírita, além de ser fonte de renda para muitas Casas Espíritas.

Aos que não conhecem o processo, o Clube do Livro é uma estrutura onde o Centro Espírita destaca um analisador, que deve ler as obras Espíritas oferecidas e as adquirir para todos os seus associados, que pagam uma mensalidade para isso.

Lembramos que os preços praticados pelo Clube do Livro, fazem do livro Espírita o de preço mais baixo do mercado literário e ainda rendendo as instituições grandes recursos, dependendo da quantidade de sócios que juntam.

O maior problema que devemos observar a respeito do Clube do Livro, está na responsabilidade dos dirigentes do Centro Espírita e do avaliador que eles elegem.

Nem sempre os avaliadores estão conscientes de que os livros que eles aprovarem, serão recebidos pelos sócios que creem receberem uma obra seguramente Espírita.

Porém, encontramos trabalhadores avaliando as obras Espíritas, mas sem estudarem regularmente Espiritismo, ou afastados dos estudos há muitos anos.

Afinal, estudar a Doutrina Espírita nos pede várias vidas, devido a sua profundidade e complexidade, como já estudamos anteriormente.

Quando estamos distanciados dos estudos, nem sempre estamos aptos para realizar análises dessa responsabilidade.

Lamentavelmente, percebemos também que antes da avaliação do conteúdo, conta neste processo o preço da obra. Trocamos uma obra de melhor qualidade por outra de menor profundidade para economizar algum dinheiro.

Por alguns centavos, priorizamos obras sem comprometimento com os preceitos trazidos por Allan Kardec, por outras que trazem modismos desnecessários.

Outra questão que causa estranheza, são os avaliadores que dizem que apenas compram livros “grossos”, para que o sócio pagante da mensalidade, se sinta “ganhando” com sua adesão.

Todas estas questões mencionadas são verdadeiros crimes contra as intenções da Doutrina dos Imortais, violações graves em nome dos rendimentos financeiros que estas questões trazem.

Evidenciamos que a proposta do Clube do Livro é viável e útil, no entanto não pode deixar para uma questão secundária os princípios que norteiam o Espiritismo, que para ser verdadeiro, deve ser pautado pela seriedade dos responsáveis e pela honestidade com a mensagem.

Aspectos gerais da literatura Espírita

Para os que acham que já existem muitos livros, lembramos que no Brasil lemos ainda muito pouco.

Um estudo da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) referente ao hábito da leitura em 52 países, revela que o Brasil ocupa a 47^a posição.

Por esse índice, vemos que é importante que o livro – especialmente o Espírita, chegue a toda parte, iniciando nos Centros Espíritas, pois se entendemos a necessidade da divulgação da imortal mensagem, temos no livro nosso maior aliado.

No entanto, nós, Espíritas, negligenciamos com alguns itens relacionados com a literatura Espírita e acabamos estimulando a divulgação e comercialização de livros que mais semeiam o desentendimento do que a simplicidade lógica do Espiritismo.

Qualquer integrante da cadeia de circulação do livro Espírita, ao intitular-se “Espírita”, perde a liberdade de comercializar ou distribuir livros que tragam conteúdo contrário a aquele ensinado pelos Espíritos por meio de Allan Kardec.

Lembramos a velha questão de que: “*a cada um será dado segundo as suas obras*”, como sendo a afirmação das consequências de comprometer o desenvolvimento do verdadeiro Espiritismo.

Muitas vezes, pelo autor ser conhecido e realizar muitas palestras, seus livros circulam livremente, distorcendo realidades absolutas com ilusões temporais.

Desde sua estruturação, tudo que envolve o Espiritismo caminha sempre aliado a responsabilidade daqueles que o praticam.

A sustentabilidade da Casa Espírita

Certamente que sendo Dirigente Espírita, trabalhador ou mesmo um frequentador, todos reconhecemos que o Centro Espírita precisa de recursos para se manter e para sustentar as atividades que empenha.

No entanto, evitando distorções de entendimento, faremos algumas considerações importantes.

Primeiro: A Casa Espírita tem uma atividade social por natureza, que é a divulgação do Espiritismo. Muitas vezes, vemos os Dirigentes ao fundarem um Centro Espírita, crer na necessidade de abraçar alguma atividade social, como creche, asilo, albergue e por ai segue.

Todas as iniciativas são louváveis, porém, toda Instituição Espírita tem como prioridade a divulgação do Evangelho e a disseminação do Espiritismo.

Quando temos toda a parte doutrinária, seus cursos e atividades Espíritas desenvolvidas e com trabalhadores disponíveis e capacitados, ai sim ela pode e deve abraçar atividades de interesse social, mas na possibilidade de possuir poucos trabalhadores ou recursos, devemos ficar apenas com sua natureza primária – a divulgação Espírita.

Segundo: “Fora da caridade não há salvação”, a má interpretação dessa máxima faz com que a Casa Espírita assuma compromissos além de suas capacidades e depois fique condicionada a sempre precisar de mais recursos.

“(...) “a cada um será dado segundo as suas obras””.

ASSINE AS PUBLICAÇÕES DA FERGS

REVISTA A REENCARNAÇÃO.... R\$ 30,00 (2 edições)
JORNAL DIÁLOGO ESPÍRITA..... R\$ 18,00 (6 edições)

ASSINANDO REVISTA + JORNAL = R\$ 40,00

Nome: _____

CPF: _____ Data de Nasc.: _____

Endereço: _____

_____ Bairro: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

País: _____ Telefones: _____

E-mail: _____

Data do Depósito: _____

Para efetuar a assinatura, envie e-mail para jornal.revista@fergs.org.br solicitando o Código de Depósito Identificado e os dados para depósito. Após efetuado o depósito, encaminhe seus dados para:

Federação Espírita do RS

Av. Desemb. André da Rocha, 49
Centro - CEP 90.050-161
Porto Alegre/RS - Brasil
ou para o e-mail:
jornal.revista@fergs.org.br.
Faça também sua assinatura pelo site da FERGS: www.fergs.org.br.



Fazendo com que venhamos a pensar: precisamos de tantos recursos ou assumimos o que não estávamos em condições?

Alguém perguntaria: mas e a caridade? E lembraríamos Emmanuel que afirma que a maior caridade é a divulgação da Doutrina Espírita – e que fica a segundo plano quando as atividades sociais consomem muitos recursos e trabalhadores.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em Bem aventurados os que são brandos e pacíficos item 7 lemos: “*A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas*”, não falamos que não deve ser feita, nem que seja de pouca importância, apenas a mais fácil, segundo o Evangelho.

Também encontramos nele a caridade moral – mais difícil – onde não se tem que dar nada de material, é praticada sem custo.

Sobre ela, ensina **O Livro dos Espíritos**, na questão 886: “*Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?*”

Resposta: “*Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.*”

Tudo isso para justificar que caridade, quando não se tem recursos, pode ser praticada de graça... e é a mais difícil!

Conclusão: Todo Centro Espírita deve, por meios de campanhas, Clubes de Livro e demais formas, gerar recursos para a sua manutenção, porém, se a necessidade de recurso compromete a prática séria dele, devemos diminuir nossas atividades e até diminuir dias de trabalho.

É lícito toda forma de campanha e quando se possui um Centro Espírita bem estruturado com recursos e trabalhadores, devemos abraçar todo o bem possível, material ou não, mas caso seja necessário uma escolha, sejamos Espíritas!

Comercializar livros chamados Espíritas sem análise séria, adotar práticas equivocadas para “encher o Centro” e tudo mais que é feito por que “o Centro Espírita precisa”, mas sem comprometimento moral com a Doutrina, é sustentar a Casa Espírita com veneno que certamente a corroerá.

A palavra sustentabilidade apenas pode ser empregada, quando os processos de manutenção da Instituição, podem ser praticados respeitando os valores que ela empenha.

Podemos até nos perguntar:

— Está difícil manter o Centro ou abraçamos atividades demais?

É ilusão acreditar que os Espíritos vão entender o pouco cuidado com a finalidade principal da Doutrina Espírita, para a realização de qualquer outra atividade, por mais nobre que seja.

Se o Centro Espírita é casa de Jesus, deve ser sustentado pelos meios e formas que Ele aprovaria, se não tivermos uma maneira reta de mantê-lo, é melhor fechar o Centro e prosseguirmos Espíritas!



ENTREVISTA: ANDRÉ TRIGUEIRO

(Concedida à RIE – Revista Internacional de Espiritismo, em maio de 2006)

ESPIRITISMO E ECOLOGIA

O jornalista e escritor André Trigueiro, espírita, alerta para os perigos da degradação ambiental e analisa a questão ecológica à luz da Doutrina Espírita.



André Trigueiro é jornalista, pós-graduado em Gestão Ambiental, professor e criador do curso de Jornalismo Ambiental da PUC/RJ, coordenador editorial e um dos autores do livro Meio ambiente no século XXI (Editora Sextante, 2003). Desde 1996 atua como repórter e apresentador do Jornal das Dez da Globonews, canal de TV a cabo, onde também produziu, roteirizou e apresentou programas especiais ligados à temática socioambiental. Pela série Água: o desafio do século 21 (2003) recebeu o Prêmio Imprensa Embratel de Televisão e o Prêmio Ethos – Responsabilidade Social, na categoria Televisão. É comentarista da Rádio CBN (860 Kwz) onde apresenta aos sábados e domingos o quadro Mundo Sustentável. É consultor e articulista do site www.ecopop.com.br e consultor do WWF. Presidiu o Júri da VI Edição do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental de Goiás. Sobre ecologia e outros temas André concedeu à RIE a seguinte entrevista:

RIE – Quais são as principais advertências e instruções dos Espíritos Superiores sobre a questão ambiental?

André Trigueiro – É importante registrar que o trabalho de Codificação realizado por Allan Kardec ocorreu no mesmo período em que a Revolução Industrial determinava mudanças importantes na civilização ocidental do século XIX. O aparecimento das fábricas com o uso progressivo de máquinas e equipamentos movidos a carvão; novos focos de poluição ambiental; migrações em massa do campo para a cidade; a demanda crescente de matéria-prima e energia; o aparecimento da sociedade de consumo e a produção monumental de lixo. O cenário ainda não era de crise ambiental, mas os efeitos colaterais desse modelo de desenvolvimento insustentável apareceriam com força na segunda metade do século XX, após a Segunda Grande Guerra. A literatura espírita traz muitas informações importantes sobre a questão ambiental. Para citar apenas alguns exemplos, começamos pela pergunta 121 do livro *O Consolador*, psicografado por Chico Xavier, que vai direto ao ponto: “O meio ambiente influí no Espírito?”, ao que Emmanuel responde: “O Meio Ambiente em que a alma renasceu, muitas vezes constituiu prova expiatória; com poderosas influências sobre a personalidade, faz-se indispensável que o coração esclarecido coopere na sua transformação para o bem, melhorando e elevando as condições materiais e morais de todos os que vivem na sua zona de influência”. Joanna de Ângelis, no livro *Após a Tempestade*, psicografado por Divaldo Franco no ano de 1972 (quando a ONU organizava em Estocolmo, na Suécia, a primeira Conferência Internacional sobre Meio Ambiente Humano), observa no capítulo intitulado “Poluição e Psicosfera” que “Ecólogos do mundo inteiro preocupam-se com a poluição devastadora que resulta de detritos superlativos atirados nos oceanos, rios, lagos e terras ‘inúteis’ (...)”. O programa para o saneamento de tão perigoso estado de coisas já foi apresentado por Jesus, O Sublime Ecólogo, que em a Natureza, preservando-a, abençoando-a, dela se utilizou, apresentando

os métodos e as técnicas da felicidade (...) estabelecendo as bases para o reino de amor e harmonia, sem fim, sem dores, sem apreensões. No livro *Atualidade do Pensamento Espírita*, também psicografado por Divaldo Franco, Vianna de Carvalho reserva as questões 54 a 63 ao assunto “Ecologia”. Quando Kardec afirmou que “o verdadeiro Espiritismo é aquele que encara a razão frente a frente em todas as fases da humanidade”, selou o compromisso da Doutrina Espírita de manter-se constantemente em sintonia com as novas descobertas da ciência. E é justamente da comunidade científica que emerge o alerta que estariamo experimentando hoje uma crise ambiental sem precedentes na História. O Espiritismo tem como contribuir em favor de um mundo onde o desenvolvimento não seja sinônimo de destruição.



RIE – A resposta à questão 705 de O Livro dos Espíritos diz que “A Terra produziria sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem contentar-se”. O que é o consumismo, se vivemos numa sociedade de consumo?

André Trigueiro – É importante diferenciar “consumo” de “consumismo”. O consumo é fundamental à vida. O “consumismo” degrada a vida. Quem se deixa levar pelos apelos da publicidade na direção do consumo compulsivo, irracional e irresponsável acelera a exaustão dos recursos naturais não renováveis fundamentais à vida. É bom lembrar que todos os produtos demandam matéria-prima e energia para existir. O planeta é um só, e, se todos os seus habitantes consumissem como um norte-americano ou um europeu, seriam necessários mais quatro planetas Terra. Alguns estudos revelam que a capacidade de o planeta suprir as nossas atuais demandas de matéria-prima e energia já estaria defasada em 20%. Mahatma Gandhi disse certa vez que “a Terra pode oferecer o suficiente para satisfazer as necessidades de todos os homens, mas não a ganância de todos os homens”. Não vejo nenhuma diferença entre o que disse Gandhi e a resposta dada pelos Espíritos à pergunta 705 de O Livro

dos Espíritos. Rever os atuais padrões de consumo da humanidade – especialmente da parcela mais abastada concentrada no Hemisfério Norte e nas ilhas de prosperidade do resto do mundo, como as classes mais favorecidas das grandes cidades brasileiras – se impõe, como condição de sobrevivência.

RIE – Alertam os Espíritos que o Espiritismo contribui para o progresso destruindo uma das chagas da sociedade, que é o materialismo (questão 799 de O Livro dos Espíritos). O que isso tem a ver com o problema ambiental?

André Trigueiro – O consumismo poderia ser entendido como uma das manifestações mais graves e preocupantes do materialismo. O apego à matéria se revela no desejo insaciável de consumo de bens e de serviços, no deleite das liquidações, na fascinação pelas vitrines, na rotineira preocupação em promover festas de Natal repletas de presentes caros e guloseimas sem que o aniversariante seja efetivamente lembrado, no entendimento de que ser feliz é ter dinheiro para comprar tudo o que se quer. Sendo o consumismo um câncer que destrói rápida e vorazmente os recursos naturais não renováveis fundamentais à vida, fecha-se o ciclo do modelo suicida de desenvolvimento. Vejamos o exemplo da água: para cada tonelada de aço são necessários 15 mil litros de água. Para cada automóvel mil cilindradas, aproximadamente 5 mil litros de água. Para cada quilo de arroz, 1.500 litros de água. Se o que consumimos é necessário, justifica-se o uso. Se é para colecionar, ostentar ou para reforçar a imagem de pessoa “bem-sucedida e feliz”, agrava-se o desperdício.

RIE – Do ponto de vista espírita, é possível conciliar o progresso tecnológico com a degradação ambiental?

André Trigueiro – Avanço tecnológico não deve ser sinônimo de destruição. A boa tecnologia deve ser aquela que está a serviço da vida, não da morte.



RIE – Com a transformação da Terra em um planeta de regeneração, automaticamente o meio ambiente estará equilibrado?

André Trigueiro – Não. É importante combater a passividade com que muitos espíritas esperam essa transformação. No capítulo III do Evangelho Segundo o Espiritismo, Santo Agostinho explica a transição de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração nos seguintes termos: neste novo “mundo”, mesmo livre das paixões desordenadas, num clima de calma e repouso, a humanidade ainda estará sujeita “às vicissitudes de que não estão isentos senão os seres completamente desmaterializados; há ainda provas a suportar (...) e que “nesses mundos, o homem ainda é falível, e o Espírito do mal não perdeu, ali, completamente o seu império. Não avançar é recuar, e se não está firme no caminho do bem, pode voltar a cair nos mundos de expiação, onde o esperam novas e terríveis provas”. Ou seja, não há mágica no processo evolutivo: nós já somos os construtores do mundo de regeneração, e, se não corrigirmos o rumo na direção do desenvolvimento sustentável, prorrogaremos situações de desconforto já amplamente diagnosticadas. Não é possível, portanto, esperar a chegada do mundo de regeneração de braços cruzados. Até porque, sem os devidos méritos evolutivos, boa parte de nós deverá retornar a esse mundo pelas portas da reencarnação. Se ainda quisermos encontrar aqui estoques razoáveis de água doce, ar puro, terra fértil, menos lixo e um clima estável – sem os flagelos previstos pela queima crescente de petróleo, gás e carvão que agravam o efeito estufa –, deveremos agir agora, sem perda de tempo.

RIE – E por que falar da água é tão importante hoje em dia?

André Trigueiro – No século passado, a população do planeta dobrou e o consumo de água doce foi multiplicado por seis. A agricultura consome atualmente 70% da água doce disponível no mundo. O resto do consumo se divide entre indústria, comércio e residências. Há um enorme desperdício desse recurso finito, escasso e cada vez mais raro. No Brasil, estima-se que pouco mais de 20% dos esgotos recebem algum tipo de tratamento, o resto é lançado in natura nos rios e córregos. No mundo, o último relatório da ONU divulgado recentemente sobre o assunto informa que 1 bilhão e 100 milhões de pessoas não têm acesso regular à água potável. O dobro disso não tem saneamento básico. O mesmo relatório afirma que há água suficiente para todos, mas falta competência na gestão dos recursos hídricos e há muita corrupção no processo. Estamos no século XXI e não conseguimos ainda prover boa parte da humanidade desse recurso fundamental à vida. Há que se discutir, mobilizar e agir. Nada pode ser mais importante do que o acesso à água limpa.

RIE – De que forma as energias alternativas ao petróleo podem contribuir para a melhoria da qualidade ambiental?

André Trigueiro – Reduzindo as emissões de gases que saturam a atmosfera, agravam o efeito estufa e causam o aquecimento global. A elevação da temperatura média do planeta promove as mudanças climáticas e uma lista interminável de anomalias que tornam a vida na Terra mais difícil. Além disso, a queima progressiva de petróleo, gás e carvão provoca doenças respiratórias que determinam a morte de aproximadamente 800 milhões de pessoas por ano. As fontes de energia a partir do sol, do vento, da biomassa, do hidrogênio, precisam ser multiplicadas e aprimoradas. Isso já está acontecendo principalmente nos países do bloco europeu. O Brasil é a maior potência mundial na área da hidroeletricidade, e também no uso de biocombustíveis como álcool etanol e, mais recentemente, as oleaginosas.



RIE – O que realmente está acontecendo na floresta amazônica? Ela é de fato o pulmão do mundo?

André Trigueiro – A Amazônia é na verdade o ar-condicionado do planeta. As florestas regulam o clima, a umidade, a recarga dos aquíferos subterrâneos e, em tempos de aquecimento global, é bom lembrar que as florestas estocam enormes quantidades de carbono. Para crescer, uma árvore necessita de água, luz, nutrientes do solo e carbono da atmosfera. Destruir a Amazônia significa promover, de uma só vez, inúmeros estragos ambientais. Apesar de todos os esforços do governo no sentido de estancar a perda de áreas verdes e de biodiversidade naquela parte do planeta que corresponde à metade do território brasileiro, a capilaridade da destruição é assustadora. Temo que a destruição esteja ocorrendo num ritmo mais rápido do que a nossa capacidade de promover o desenvolvimento sustentável na Amazônia, seguindo aquilo que Chico Mendes morreu pregando: “Explorar a floresta em pé gera mais emprego e renda do que devastada”.

RIE – O que cada pessoa pode começar a fazer para ajudar a tornar este mundo menos poluído? Como não esbanjar ou, pelo menos, esbanjar pouco os recursos naturais?

André Trigueiro – Nenhum esbanjamento é aceitável. Esbanjar remete ao uso irresponsável dos recursos. Meio ambiente é sinônimo de cuidado, de consciência. Sejamos cuidadosos com a nossa casa. Ela oferece o suficiente para todos. Gostaria de citar mais uma vez Joanna de Ângelis, no livro *Após a Tempestade*, quando a veneranda afirma através da psicografia de Divaldo Franco que a poluição que se vê no mundo tem origem dentro de nós: “A poluição mental campeia livre, favorecendo o desbordar daquela de natureza moral, fator primacial para as outras que são visíveis e assustadoras”. Os físicos quânticos explicam que o universo se divide em redes de fenômenos que interagem e se comunicam o tempo todo, numa relação de interdependência. Estamos todos plugados na teia da vida, num universo onde não existe neutralidade: influenciamos o Todo com nossas ações ou omissões. Que sejamos então ativos e conscientes na construção de um mundo melhor e mais justo. Um mundo sustentável.



ESPIRITISMO, CONSELHOS E PROJETOS SOCIAIS

ALLAN KARDEC, codificador da Doutrina Espírita, Espírito de escol e alma à frente de seu tempo, cumpriu de maneira exemplar a missão a ele confiada, consorciando-se com as esferas superiores e dedicando-se à causa espírita com desprendimento e abnegação.

Na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas teve a oportunidade de vivenciar situações dificeis e vencer desafios, exemplificando para as futuras lideranças a postura correta a ser adotada nas lides do Movimento Espírita.

No livro *Instruções de Allan Kardec ao Movimento Espírita*, no capítulo que trata da Propagação do Espiritismo, esclareceu sobre os seus quatro períodos distintos:



LEA BOS DUARTE

Vice-presidente de Unificação da Federação Espírita do Rio Grande do Sul

O da **curiosidade**, no qual os Espíritos batedores chamavam a atenção e preparavam caminhos;

O da **observação**, no qual Kardec informa à época estar inserido. Também chamado período filosófico, quando o Espiritismo é aprofundado e se depura constituindo-se em Ciência;

O da **admissão**, no qual ocuparia uma posição oficial entre as crenças oficialmente reconhecidas.

O período da **influência sobre a ordem social**, em que a Humanidade, sob a influência destas ideias, entrará em um novo caminho moral. Mais tarde ele esclareceria que “agirá sobre as massas, para a felicidade geral” (período em que nos encontramos).

Nas obras da Codificação estão contidos os esclarecimentos sobre o caminho evolutivo da humanidade: em *O Livro dos Espíritos*, na questão n. 625, temos que o tipo mais perfeito a ser adotado como modelo e guia, é o Mestre Jesus; já na Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, sob a perspectiva da universalidade do ensino dos Espíritos, nos é informado que o principal aspecto desta obra é o ensinamento moral do Cristo, inquestionável para qualquer crença.

Considerando-se o princípio: “Fora da Cidade não há Salvação”, entendemos que a única forma de atingir a perfeição é nos solidarizarmos, nos amarmos, fazendo ao outro o que gostaríamos que nos fizessem.

Assim sendo, o período atual do Consolador Prometido caracteriza-se por propiciar, cada vez mais, a influência dos seus princípios na ordem social. Os nossos Centros Espíritas como células da sociedade, pois que inseridos nas comunidades de todo o gênero, com diferentes condições socioeconômicas, atuam como catalisadores nas relações individuais e coletivas, proporcionando

acolhimento, consolo, esclarecimento e orientação às almas em aflição ou ainda, carentes de conhecimento das questões de ordem espiritual.

Pela psicografia de Divaldo Pereira Franco, João Cléofas, em *Suave Luz nas Sombras*, define o Centro Espírita como “uma célula viva e pulsante onde se forjam caracteres, sob a ação enérgica do bem e do conhecimento [...] Oficina onde se trabalham os sentimentos e se modelam valores éticos, aos camartelos do sofrimento e da renovação, nas diretrizes que a caridade propõe como método depurativo e elevado [...] é célula ideal para plasmar a comunidade dos homens felizes do amanhã, oferecendo-lhes o contributo do respeito e da fraternidade, da atenção e do bem”.

Allan Kardec, fundando a Sociedade Espírita de Paris, estabeleceu ali na Casa Máter do movimento nascente, o centro ideal, para onde convergiam as aspirações, as necessidades, os problemas e objetivos de ordem espírita a fim de serem examinados e bem conduzidos.

Trazendo a nossa reflexão para os dias atuais, já contextualizando esta análise no quarto período da propagação do Espiritismo, ressaltamos a relevância da participação das instituições espíritas na Sociedade. Nas Diretrizes de Ação para o Movimento Espírita, publicadas na revista *Reformador* 2207, de fevereiro de 2013, da Federação Espírita Brasileira, encontramos na diretriz de número 8 os seguintes objetivos:



Participar de forma mais efetiva junto à sociedade organizada e órgãos do Poder Público, contribuindo no encaminhamento de assuntos de interesse social, sempre de forma compatível com os princípios espíritas; estimular o atendimento solidário a pessoas e comunidades em vulnerabilidade e risco social, respeitando-se a legislação vigente.

Desenvolver programas de atividades institucionais, doutrinárias e promocionais, utilizando a arte, segundo os princípios e valores éticos e morais do Espiritismo.

Dentre as ações e os projetos, salientamos a sugestão da participação, nos termos da Lei, em Conselhos e Organismos governamentais, cujos objetivos sejam compatíveis com os princípios espíritas e da participação em ações, campanhas e organizações das sociedades civis e religiosas, cujos objetivos sejam compatíveis com os princípios espíritas.

O atual contexto social e político favorece a difusão da nossa filosofia e expansão das nossas atividades, como meio de divulgarmos a Doutrina Espírita, para que se constitua em móvel consolador e transformador da comunidade em que vivemos, levando o exemplo do Cristo como meta a ser alcançada pelos cidadãos, que anseiam por uma sociedade mais justa.

Haja vista que a nossa Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu preâmbulo, estabelece:

“Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores

supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL”.

Em que pese o Estado Brasileiro ser laico, observamos que a nossa Constituição contempla a religiosidade do Povo Brasileiro e o anseio de alcançar a paz e a harmonia social sob a proteção divina.

Assim sendo, as atividades desenvolvidas pelas instituições espíritas, precisam estar inseridas neste contexto e com o mesmo anseio de contribuir para a pacificação social.

Os Centros Espíritas, sob o ponto de vista econômico e social, pertencem ao terceiro setor, que é composto pelo conjunto de entidades da

muitas outras reformará. Espera!".

A LOAS estabelece que os direitos sejam garantidos mediante serviços, programas e projetos implementados nos municípios, criando para tanto os Conselhos Municipais de Assistência Social (CMAS).

A Legislação se institui conforme a organização e as necessidades da sociedade, através dos fóruns, assembleias, seminários, enfim, todo o movimento social em busca da defesa dos direitos e da cidadania. Como os centros espíritas, historicamente, atuam na área da assistência social, é necessário que tenham conhecimento da importância desse processo na construção de uma sociedade melhor e também desenvolvam a motivação e a disposição para a participação nos Conselhos como cidadãos que todos somos.

Os Conselhos são espaços de discussão, fiscalização e construção de políticas da Assistência

sociedade civil com fins públicos e não lucrativas, regendo-se pelas normativas constantes no Código Civil Brasileiro, em seu artigo 44, inc. IV, sendo pessoas jurídicas de direito privado e, ainda, conforme consta no § 1º: “São livres a criação, a organização, a estruturação interna e o funcionamento das organizações religiosas, sendo vedado ao poder público negar-lhes reconhecimento ou registro dos atos constitutivos e necessários ao seu funcionamento”.

Além das já mencionadas legislações, temos a Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, Lei n. 8742, de 07/12/1993, que em consonância com *O Livro do Espírito*, prevê na questão de nº 797: Como poderá o homem ser levado a reformar suas leis? “Isso ocorre naturalmente, pela força mesma das coisas e da influência das pessoas que o guiam na senda do progresso. Muitas ele já reformou e

Social, pois através das atividades por eles desenvolvidas é que se fortalece a sociedade civil na busca da defesa dos direitos dos cidadãos. Há, portanto, a necessidade de o espírita estar ciente da legislação e colaborar para as mudanças, participando ativamente da sociedade como conselheiro destes segmentos. Não basta a representatividade de um membro da instituição nas reuniões, faz-se necessário que motivemos o trabalhador espírita a participar ativamente, posicionando-se de acordo com os princípios da Doutrina Espírita, a fim de contribuirmos e espiritualizarmos as decisões.

Nossa participação nos Conselhos, como instituições da Sociedade Civil, tem nos concitado ao exercício no convívio com as demais instituições e segmentos da comunidade e nos chamado à vivência evangélica que nos é recomendada pelo modelo e guia, Jesus.



A Federação Espírita do Rio Grande do Sul é membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Porto Alegre, em seu segundo mandato, esclarecendo-se que, conforme consta no Regimento Interno, o CMDCA é órgão deliberativo, normativo e controlador da política de atendimento a crianças e adolescentes. Este Conselho é composto de um terço de entidades não governamentais que exerçam trabalho direto com crianças e adolescentes, um terço de entidades não governamentais que desempenham trabalho indireto com crianças e adolescentes e um terço de órgãos do Poder Público Municipal, ao todo são 21 conselheiros titulares e 21 suplentes. Nossa habilitação no CMDCA é como entidade não governamental de atendimento indireto a crianças e adolescentes, pois inscrevemos o Programa

Conte Mais, que é um conjunto de projetos que visa à educação moral da criança e do adolescente, utilizando a arte de contar histórias. Obtivemos êxito no pleito de um assento, no referido Conselho, através do voto de instituições pertencentes ao Fórum Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Trata-se de experiência ímpar, que possibilita a interação com instituições diversificadas, de interesse público e privado, que representam vários segmentos religiosos e ideológicos. Neste contexto, nosso papel é promover ações em prol da criança e do adolescente, sem desviarmos da orientação moral contida no Evangelho, defendendo interesses comuns orientados por valores éticos.

Esta participação também possibilita a habilitação para obtermos recursos depositados no Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Funcriança, que provêm de dotação orçamentária do município e do estado e de doações

de pessoas físicas e jurídicas, dedutíveis do imposto de renda, de acordo com o art. 260 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal n. 8.069, de 13/07/1990).

No Conselho as verbas são destinadas, prioritariamente, a programas executados por entidades governamentais e não governamentais de assistência social, voltadas para o atendimento de:

- crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social;
- medidas sócioeducativas aplicadas aos adolescentes autores de ato infracional;
- crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual;
- usuários ou dependentes de drogas;
- vítimas de maus-tratos;
- erradicação do trabalho infantil;
- profissionalização de jovens;
- orientação e apoio sóciofamiliar.

Também podem ser financiados:

- Projetos de pesquisa e estudo;
- Projetos de comunicação e divulgação de ações de defesa dos direitos preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente;
- Capacitação de recursos humanos.

Os projetos e ações do Programa Conte Mais afinizam-se com esta proposta, constituindo-se em ferramenta de apoio ao processo educacional, possibilitando às crianças e aos adolescentes em contato com as histórias a apreensão de valores morais e éticos, essenciais na formação do homem de bem.

Além do CMDCA, participamos do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente, Cedica, do Conselho Municipal de Assistência Social, CMAS; Movimento de Educação para a Paz, organizado pelo Instituto Professor Francisco Valdomiro Lorenz em parceria com várias instituições.

Temos também a parceria com o Movimento pela Paz - Sepé Tiaraju, iniciativa do Ministério Público Estadual do Rio Grande do Sul, que visa erradicar a violência e a evasão escolar, por meio do intercâmbio entre a sociedade civil, órgãos públicos e a rede escolar dos municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

Todas estas frentes de trabalho agregam atividades salutares, que propiciam a sustentabilidade das instituições do terceiro setor junto à sociedade civil, a partir utilização de recursos particulares e públicos para a realização de ações exitosas na promoção social, trazendo melhoria ao meio em que vivemos e contribuindo de forma efetiva para a construção de uma sociedade melhor.

A participação em todos estes segmentos e na comunidade em geral constitui-se em oportunidade de serviço e cumprimento do papel do Espiritismo na transformação moral da humanidade.

A partir do convívio e do compartilhamento de decisões e ações com outras almas que têm diferentes confissões de fé, exercitamos a nossa compreensão, humildade e entendimento, para que um dia o Consolador Prometido se transforme em crença geral, acolhendo adeptos de todas as religiões, como anunciava o nosso Codificador, sem fazer proselitismo, nem aviltar a fé alheia. Respeitando a todos e demonstrando, de forma inequívoca, que a crença na imortalidade do Espírito será, em breve, do conhecimento de todos.

Pautando nossas ações na observância dos princípios que regem a Doutrina Espírita, que é a moral do Cristo, demonstramos esta verdade e criamos condições favoráveis para a manutenção das nossas instituições, aproveitando o impulso generoso das pessoas e aplicando-o no bem-estar comum.

Fora da Caridade não há Salvação. Observemos esta máxima, para que se atenuem, até que se extingam, as desigualdades na Terra.



Futuras dependências da FERGS